

ANNO 1

N. 3

AGOSTO DE 1936

[1]

# ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

## *Summario*

VICENTE GAY: *A magia de Mussolini* — FILIPPO CRISPOLTI: *Dog Pedro II, Imperador do Brasil* — ARTURO MARESCALCHI: *Inquerito sobre as aspirações das creanças* — LEOPOLDO FREGOLI: *Un' avventura a Rio de Janeiro* —  
LUIGI PIRANDELLO: *Prima notte.*

*Os beneficios das sanções: lanital*

NOTICIARIO

BIBLIOGRAPHIA

*La XX Biennale di Venezia*

*(5 illustrações)*



18000

*Bello Horizonte*

# ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA

BELLO HORIZONTE

Redacção e Administração — Rua Tamoyos, 341

CAIXA POSTAL, 5

---

Director: Mario Alessandrini

COMITE' DE REDACÇÃO

*Lopes Rodrigues*

*Mario Casasanta*

*Guilhermino Cesar*

## ASSIGNATURAS

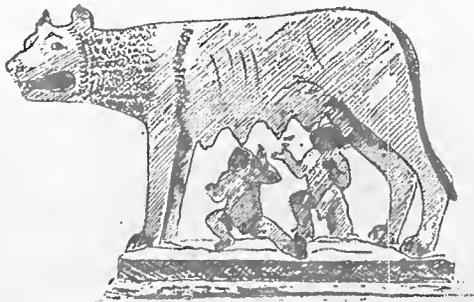
Para o Brasil (12 numeros) ....	12\$000
Para os outros paizes .....	20\$000
Sob registro .....	30\$000
Numero avulso .....	1\$000
Numero atrasado .....	2\$000

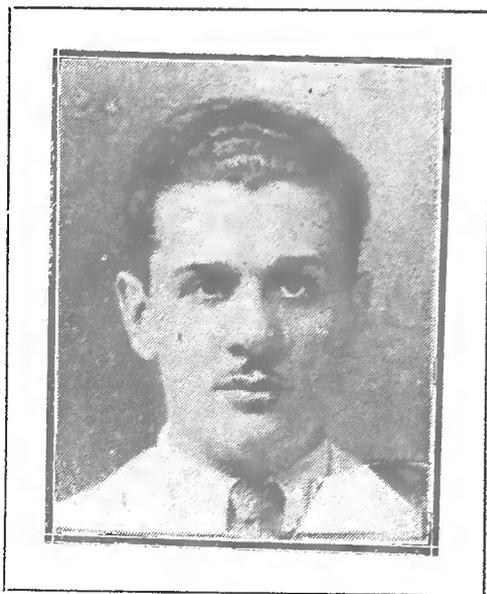
ABBONAMENTO ANNUO PER L'ITALIA

*(Spedizione raccomandata)*

L. 20

LA  
CASA D'ITALIA  
DI  
BELLO HORIZONTE





O architecto RAFFAELLO BERTI,  
da *Empresa Signorelli*, autor do projecto e  
director dos trabalhos da "Casa d'Italia"

# A "CASA D'ITALIA" DE BELLO HORIZONTE

AN. XIII. E. F. A gente passa pela rua dos Tamoyos, para na frente de um novo edificio de linhas ageis e modernas, e tenta decifrar a inscripção que apparece em relevo sobre a porta de entrada: AN. XIII. E. F. Que será isso?

Nem todos, comprehende-se, podem ter relações intimas com esse genero de inscripções lapidares, tão communs na classica terra da Italia. Mas, levantando os olhos e descobrindo os tres grandes fascios lictores que se elevam coroando o edificio, alguma cousa a gente começa a comprehender. Fascio, fascistas, Mussolini? Deve ser cousa italiana.

Realmente é a "Casa

d'Italia". A nova Casa dos Italianos de Bello Horizonte, uma das tantas Casas que as colonias italianas no estrangeiro constroem em honra á patria distante.

Esta de Bello Horizonte surge exactamente na mesma área em que existia a antiga Sociedade de Beneficencia. Ha trinta, quarenta, cincoenta annos, quando as colonias eram pobres e consituidas na maior parte de emigrantes apenas chegados e necessidades de mil auxilios, o primeiro pensamento foi o de se crear a Sociedade de Beneficencia ou de mutuo socorro para estender a mão fraterna aos que cahiam na aspera marcha da colonização



ENTRADA  
Cancellia de Orestes Barasciutti

Pouco a pouco, surgia, junto á Sociedade, uma pequena escola, depois um grupo esportivo, uma banda, um theatrinho: e assim, com poucos meios e infinito amor, vinha se reproduzindo em miniatura a organização civil e cidadina da terra de origem.

Agora, que os annos passaram e o trabalho assiduo e intelligente de toda uma geração levou o bem estar a quasi todas as casas, tambem as condições mudaram, e ás novas possibilidades correspondem mais elevadas exigencias.

O Fascismo fez o resto. Os italianos espalhados pelo mundo viram, na fé no Duce e na visão do renovado prestígio da Italia, a physionomia forte e serena da patria.

E de novo encontraram o sentido da sua unidade.

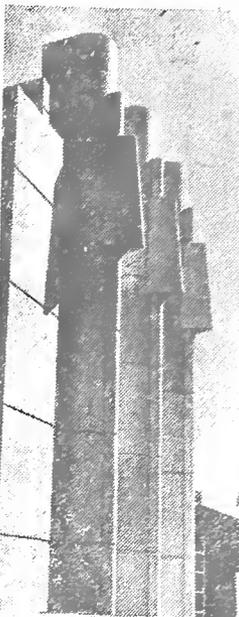
Das tres, quatro, ou cinco pequenas associações de um tempo,

todas voltadas ao bem da colonia, mas onde a vontade de fazer era muitas vezes turvada por mesquinhos personalismos, surgiram, sob a direcção animadora do Fascismo, activos comités de acção, onde se discute pouquissimo, se decide com rapidez e se faz do amor á Italia e do bem da colonia o unico fim e o unico motivo de toda obra.

Assim têm nascido e vão nas-

cendo pelo mundo tantas "Casas d'Italia", symbolos nobilissimos da unidade da patria

Os italianos de Bello Horizonte tiveram, ainda, a fortuna de encontrar no architecto Berti o artista digno do empreendimento. A sua "Casa d'Italia" é um modelo de força, de elegancia e solemnidade. Er-

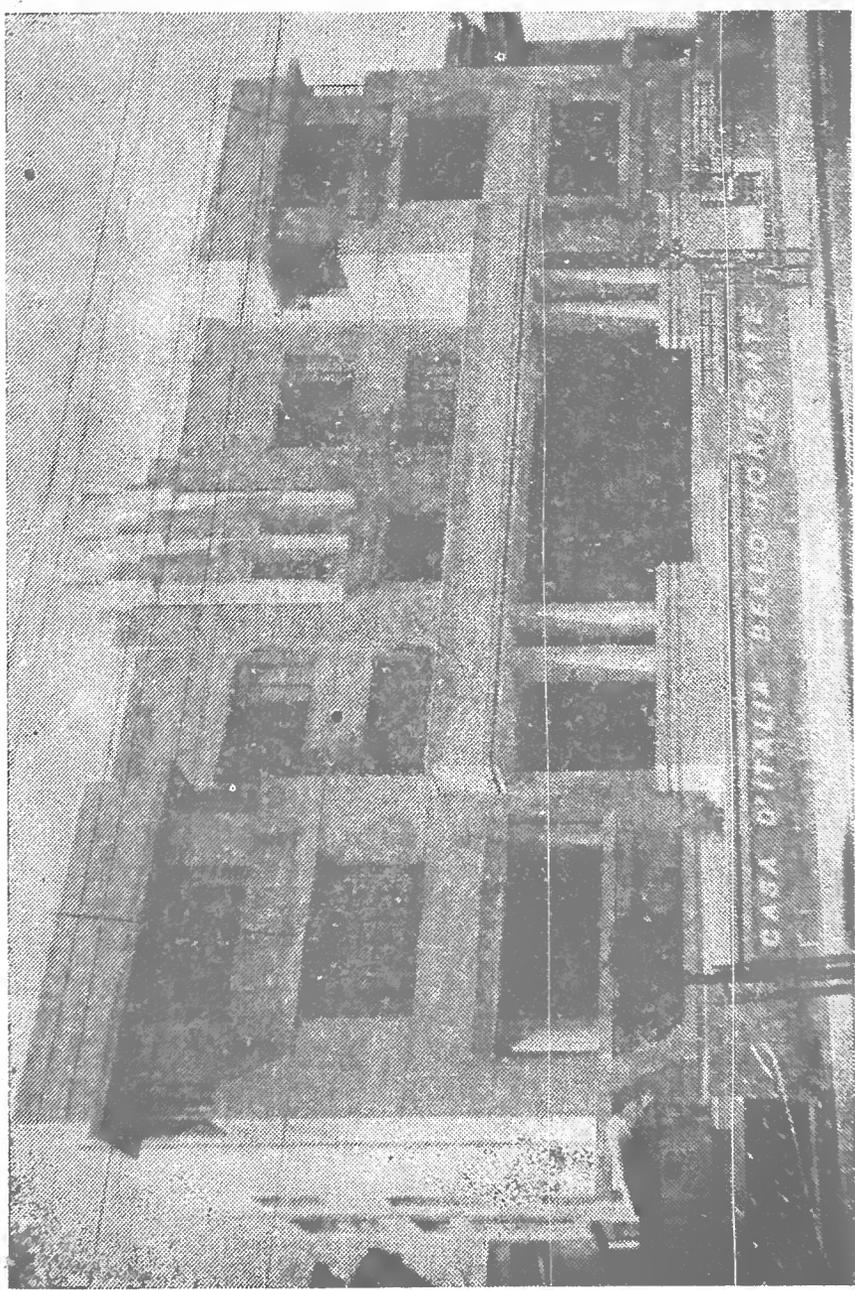


gue-se solida e quadrada, com suas formas ageis e vigorosas ao mesmo tempo, capazes de resistir aos seculos, como a expressão de uma renovada romanidade. A Italia fascista exprime, nas suas linhas, sua vontade clara e sua força serena.

Agora os italianos têm o seu Templo. Templo sem altares e sem incenso, mas onde se trabalha, se estuda, se joga e se conversa, onde todos os departamentos, todas as instituições, todos os grupos da colonia têm a sua séde e fazem as suas reuniões.

No andar terreo, as escolas, com suas aulas claras e luminosas; o jardim da infancia, todo florido com minusculas mesas brancas, roseas e celestes; os vastos pateos para os jogos ao ar livre.

No primeiro andar, o salão de festas, ornado com amplas vidraças e luminoso como um jardim de inverno. Depois o bar, a sala de jogos, os bilhares, a sala dos comités,



CASA D'ITALIA

Esquadrias em ferro da Casa Baragli

Cimento armado da Firma A. Passini

e, "ao lado," em discreto isolamento, a bella bibliotheca, raramente repleta de leitores mas animada sempre pela imagem pensativa de Dante.

No ultimo andar, os departamentos: o Consulado, o Fascio, os Combatentes, a Camara de Commercio e o Centro de Cultura.

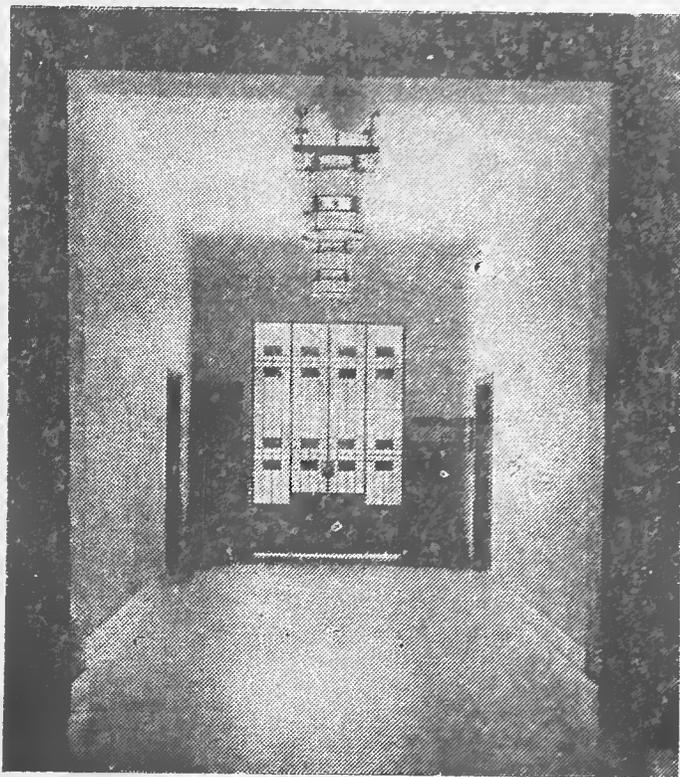
No primeiro andar se estuda; no segundo se joga; no terceiro se trabalha. Mas em toda parte bom gosto e modernidade, tintas claras e frescas, senso de vida e bem-estar e luz que inundam as amplas

salas enobrecidas por moveis elegantes e modernissimos, cuidado amoroso e particular do Real Consul, Dr. Tullio Grazioli.

Ficamos admirados e commovidos. Quantas coisas sabem fazer estes Italianos! Pelo merito delles Bello Horizonte se enriqueceu com um novo edificio que honra, ao mesmo tempo, a colonia que o construiu e a cidade que o acolhe.

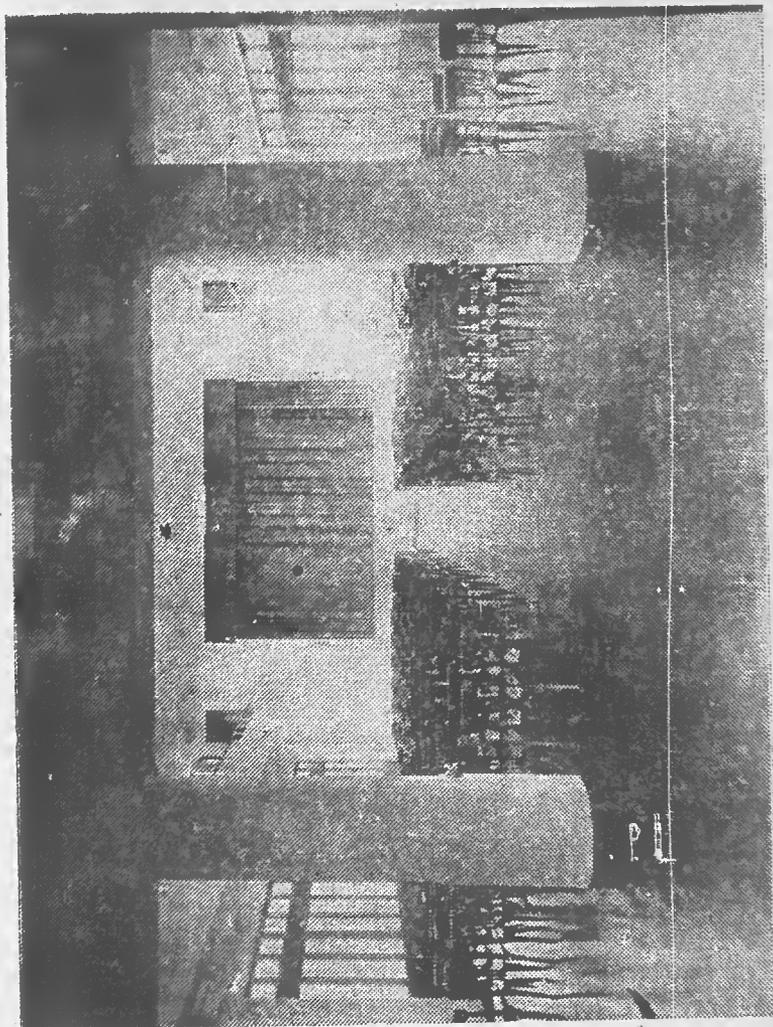
Rua dos Tamoyos? E por que não rua dos Italianos?

*Correio de Minas - 1 de Junho de 1936.*

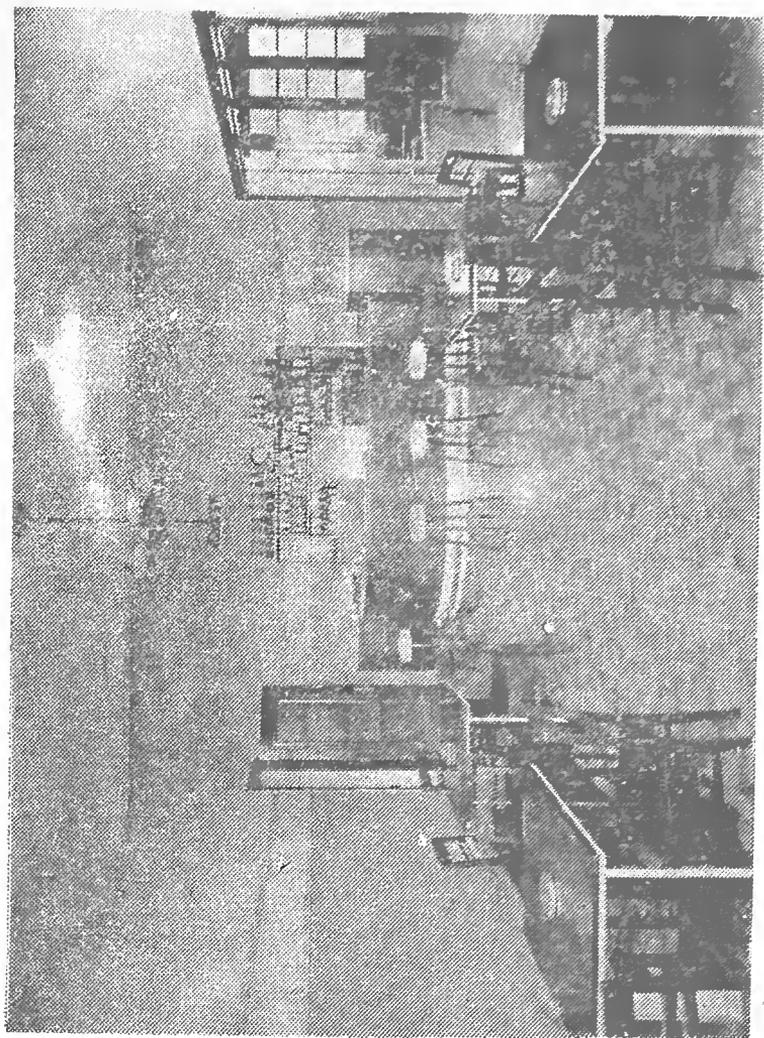


Corredor da entrada

LADRILHOS DA CASA LUNARDI

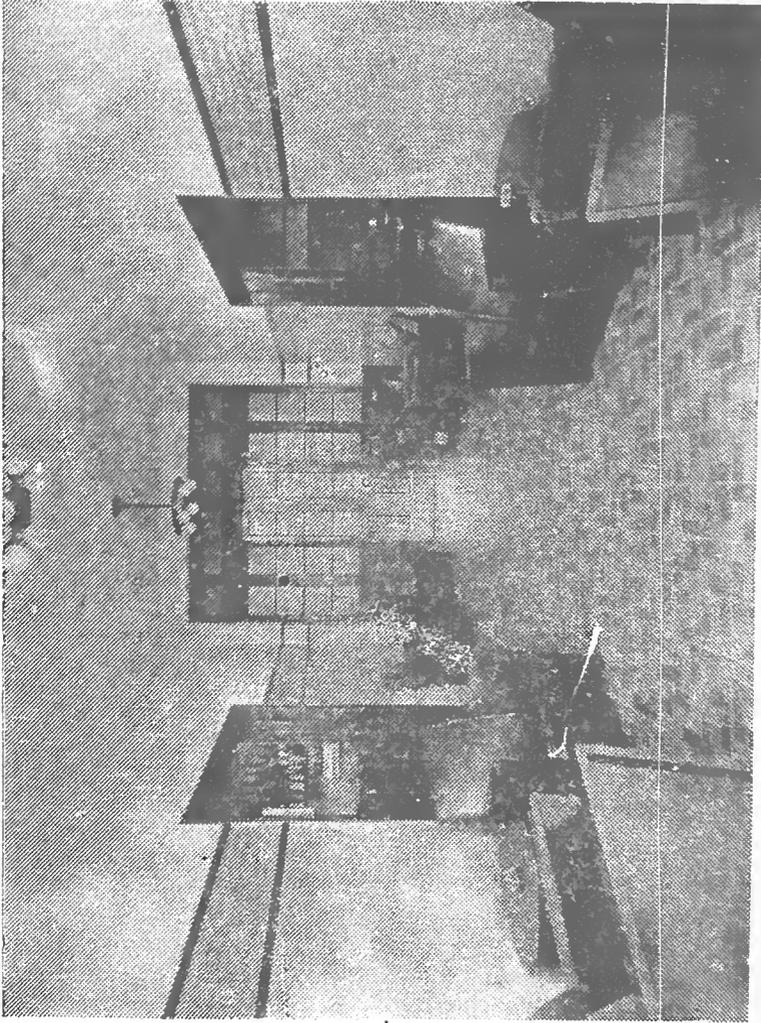


SALA DE HONRA  
TAPEÇARIA DA FIRMA AMARAL & PIDELLO

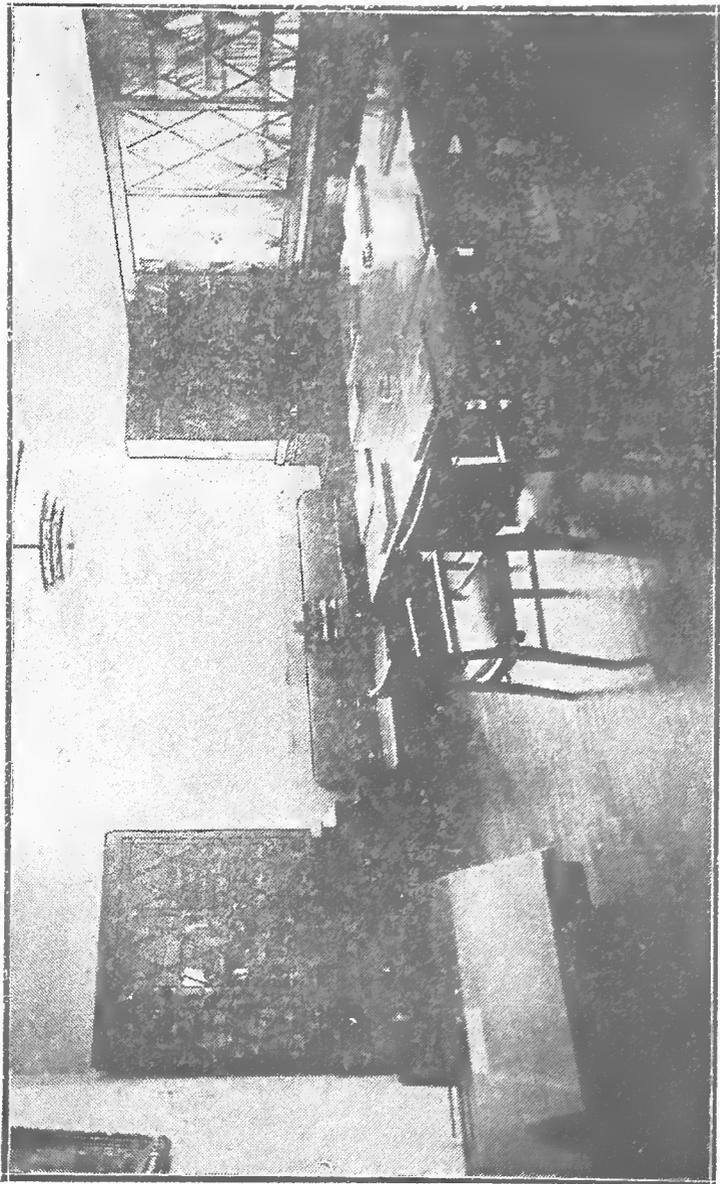


B A R

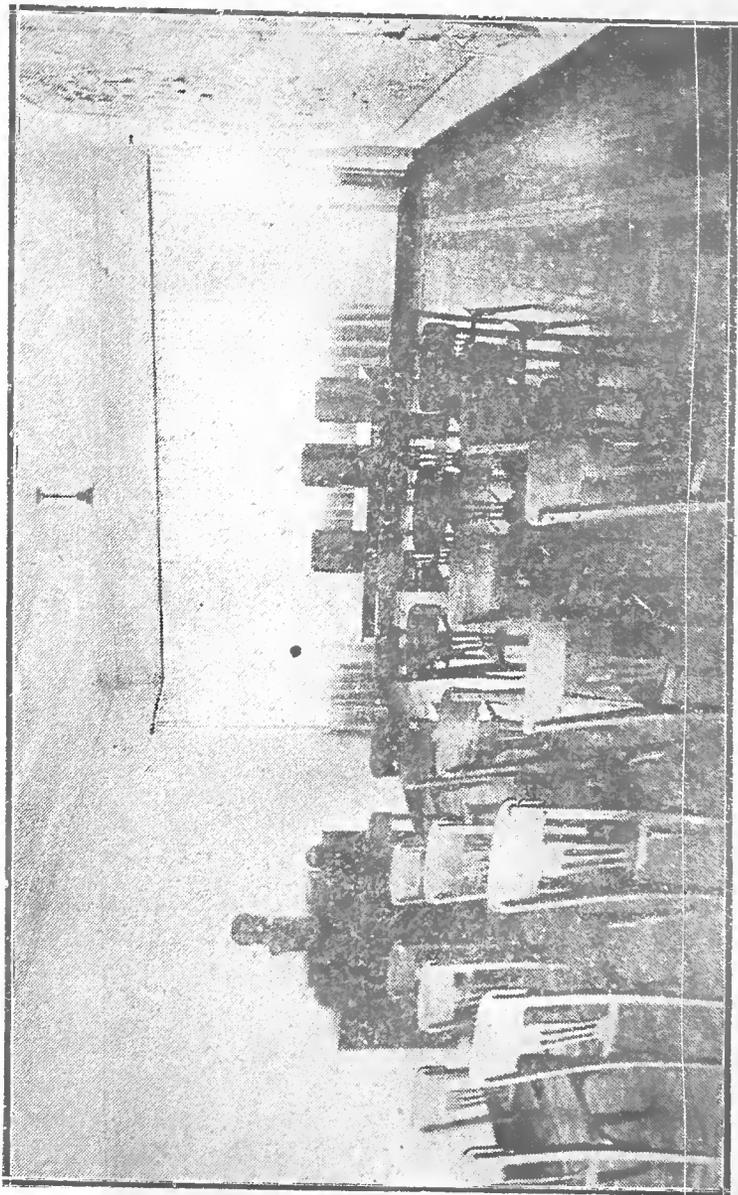
SERVIÇO DE MARMORE DA CASA PAULO SIMONI



SALA DE FUMO  
LADRILHOS DA FIRMA SASDELLI & POCK

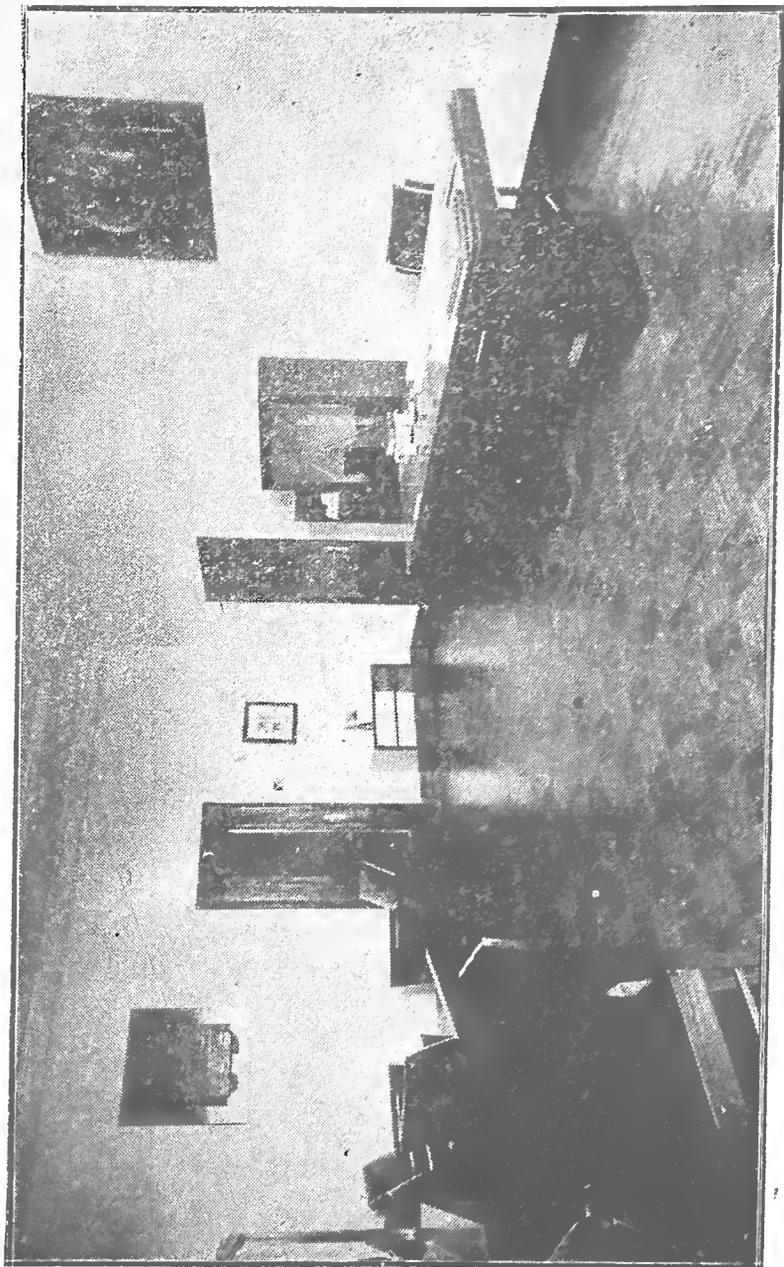


BIBLIOTHECA  
MOVEIS DA FIRMA PIANCASTELLI & FILHOS

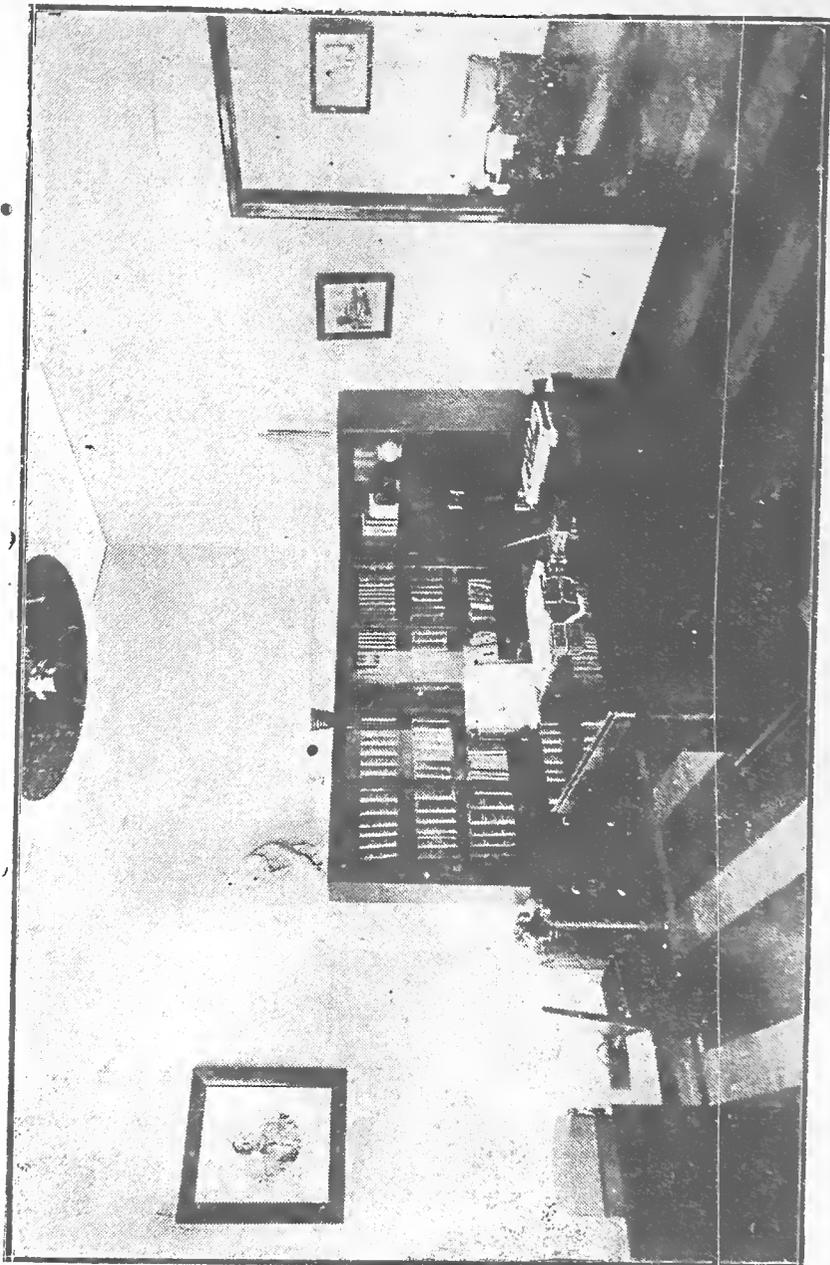


SALA DOS COMBATENTES  
MOVEIS DA FIRMA PIANCASTELLI & FILHOS

[2]



SECRETARIA DO FASCIO  
MOVEIS DA FIRMA PIANCASTELLI & FILHOS



ESCRITORIO DO R. CONSUL  
MOVEIS DA FIRMA PIANCASTELLI & FILHOS

MARMORERIA HORIZONTALINA

**Paulo Simoni**

RUA AARÃO REIS, 500 — TEL. 3734

Depósito de mausoleos de diversos tipos e mármore,  
de Carrara, granito de Tijuca e granito mineiro.

Altars para Igreja estilo gótico e romano.

Cerâmica, tijolos furados e cegos — Telhas curvas  
e marseihezias.

LOUÇAS ESMALTADAS — SANITARIAS, LAVABOS  
E AZULEZOS

OFFICINAS "BARAGLI" João Baragli



Rua Rio  
Grande  
do Sul,  
107

TEL. 1721

Especialidade em  
Esquadria metálica —  
Janelas basculantes com  
controler "BARAGLI"

Apparelhos luminosos  
e soldas oxy-acetyleno

[9]

AMÉDEO PASSINI

CONSTRUCTOR

CIMENTO ARMADO

AV. PARAUNA, 107

---

JOSÉ VERONESI

CONSTRUCTOR LICENCIADO

135, Rua Varginha, 135

---

Fabrica de Ladrilhos Hydraulicos

SASDELLI & POCK

Industriaes e Constructores

Rua Espirito Santo, 52

TEL. 3267

---

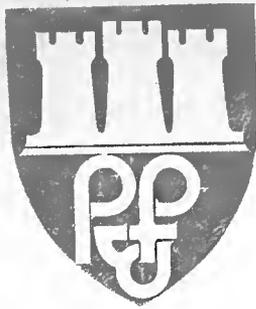
ORESTES BARASCIUTTI

Serralheria Artistica

SOLDA AUTOGENA

Rua Rio de Janeiro, 635

TEL. 4714



PIANCASTELLI

&

FILHOS

FABRICA DE MOVEIS EM TODOS OS  
ESTILOS E PARA TODOS OS FINS.

RUA RAMAL, 2175

TEL. 2164

---

---

CASA LUNARDI

FABRICA DE MOSAICOS, LADRILHOS  
HYDRAULICOS, MARMORES ARTIFI-  
CIAES E ARTEFACTOS DE CIMENTO.

ESMALTAÇÃO A FOGO

*Rua Curityba, 137*

TEL. 2118

[107]

# ITALIA

REVISTA MENSAL DE CULTURA  
BELLO HORIZONTE

ANNO I

Agosto de 1936

N.º 3

## *A magia de Mussolini*

Quem não conhece a figura de Mussolini, difundida por retratos e esculpturas? Eu o imaginava como o tinha visto nessas imagens: linhas energicas, semblante marmoreo; attitude de Cesar romano, altivo e despotico; bocca cerrada e grave; olhar dominador; busto tão erecto que parece ter uma columna vertebral de pedra. Não é verdade que essa descripção se approxima muito aos retratos que correm por ahi? Pois eu vi outro Mussolini.

No *Dopolavoro* de Napoles, me mostraram uma curiosa esculptura que consistia em casquetes e segmentos de esphera de curvas irreprehensivelmente geometricas, como os crystaes que os opticos talham. O original daquella engenhosa e simples combinação da arte e do artista fascista, era que, olhando-a de perfil e buscando a perspectiva, se accusava o contorno do rosto de Mussolini.

Tudo parecia contribuir para apresentar o Duce como uma imagem hieratica moderna. Porém Mussolini não é assim.

\* \* \*

Não sei si me teria tocado a sorte de ver Mussolini quando sorria e não quando se aborrece; porém é tão certo

como o Evangelho da missa, que Mussolini não tem o cenho carregado que tenho visto em muitos retratos seus: eu o observei bastante vezes, em plena expressão de alegria e sereno sorriso, muito differente da affectação protocollar. Effusivo e parlador, não o é, porém tampouco mostra a attitude tesa e repellente que se poderia suppor deante de alguma de suas photographias.

Em pleno campo pontino; na praia de Sabaudia soprados pela brisa do Mediterraneo e envoltos pelas reverberações da immensa lamina azul do mar sob o incendio glorioso do sol; nas recepções, nada cerimoniaes, com que acolhia os periodistas; nos marciaes desfiles dos vanguardistas na Avenida do Imperio... sempre o vi galhardo, sem arrogancia affectadas, sereno e como seguro do terreno que pisa, com seu semblante animado por uma satisfação interior que dulcifica seu rosto. Eu não podia supôr que m'o tivessem trocado.

Mas, tambem notei nelle uma rapida transformação quando o momento solenne e muito serio. O homem, então, se converte em algo estatuario, firme, que dá a sensação do inquebrantavel. Durante tres horas, eu o vi debulhar trigo sem mudar de posição; passaram tamhem tres horas no desfile dos vanguardistas na Avenida do Imperio e Mussoloni, erguido na tribuna, collocados os braços em amphora observava agudamente as esquadras sem nem ao menos pestanejar. Mais tarde, no balcão do Palacio Veneza e ante uma multidão compacta e delirante, volta a mostrar-se. Fala. Sua voz é viril e dominadora, defrontando a natureza do *condottiero* ferreo; seu accento revela que em cada palavra põe alma e coração; seu rosto se torna prophetico... E' que fala da Italia! As milhares de cabeças que occupam a explanada e sobem os degraus do monumento de Victor Emanuel, parece que se petrificaram e a-respiração se contém, podendó-se até escutar o vôo de uma mosca... "*A juventude italiana... O futuro seguro... Italia*"... Já não são milhares de cabeças mas uma só e um só coração que se fundem em uma só emoção. Eu me encontrava fundido naquella massa, perto dos mosqueteiros negros de Mussolini, e podia contemplar de-

- tidamente. E vi que ao terminar as breves palavras, resumo da jornada, o entusiasmo popular crepita como erupção vulcânica e Mussolini, outra vez sorridente, levanta o braço saudando o povo, a esse povo convencido de que, quando o Duce fala, diz a verdade, porque conhece a verdade de sua vida.

\* \* \*

Certa vez, se fazia na Italia um inquerito sobre a definição da personalidade de Mussolini e, ao saber elle disso, ordenou a suspensão do mesmo dizendo: *Como o honoravel Mussolini declara não saber exactamente o que elle é, muito difficilmente o poderão saber os demais. Feita essa declaração, e publicada, suspenda-se o inquerito que poderá ser recommçado, talvez, dentro de cincoenta annos*". O Duce accusa uma modestia e um desdem pelas vaidades que o justificam; porém não está tão certo de que os demais não nos conheçam. A difficuldade está em conhecer-se a si mesmo. A famosa inscripção de Delphos não era só um bom conselho, tambem assignala uma grande difficuldade. Todavia os outros podem conhecer-nos, porque surpreendem a nossa perspectiva melhor do que nós mesmos. Julgamos alguma vez que uma obra nossa é boa ou é má e, na realidade, seu valor objectivo não coincide com nosso juizo, com o que nós lhe attribuímos: julgamos ter feito uma coisa ás direitas e os outros nos dizem que foi equivocada, e têm razão. O objectivo é o que é, e não o que nós julgamos ou queremos que seja.

Podemos conhecer Mussolini por seus feitos, embora nos escapem muitos momentos de sua vida espirital. E' necessario pensar como sonhará esse homem, que aspectos verá da altura de sua posição e de seu pensamento ante os problemas da vida italiana e da voragem mundial, tendo em sua mão tanto poder e tanta responsabilidade! Talvez muitas e grandes verdades, que elle conhece, ficarão eternamente no mysterio, guardadas no altar do sacrificio que toda consciencia pura e abnegada levanta a Deus na gruta da alma!

E os feitos de Mussolini demonstram que é um grande homem de fé seguida de obras. Elle predicou a guerra e

foi á guerra, de modo contrario aos que predicam a guerra e a revolução para que as façam os outros. Era cabo nas trincheiras, e quando alguns lhe recommendavam prudencia e que pensasse em seus filhos, respondia coisa bem distincta daquelles que tomam a familia como justificação do egoismo e da covardia. *“Que importa! Precisamente porque tenho meus filhos, posso morrer. Esse pensamento é o que me dá maior tranquillidade: estou continuando”*. Elle predicou a revolução e foi á revolução; logrou a victoria que se annunciava difficil, porque o inimigo estava preparado para a batalha e conteve o impecto dos camisas pretas. Reconstruiu a nação, renovou espiritualmente o povo; purificou a politica e moralizou os costumes... Tudo isso sem abandonar a camisa preta, que nelle é o saial do asceta.

E Mussolini, com sua vida exemplar, praticando o heroismo e a vida dolorosa, o amor á Patria e á exaltação do povo, chamando-se o primeiro submettido ao espirito da victoria e á vontade da Patria, quando recebe o bastão de mando de mãos de camaradas e mutilados, é o typo ascetico que em plena gloria sabe dedicar os florões de sua corôa aos demais. A euphoria do Poder não é nelle derivativo que o converta em sybarita dos prazeres mundanos; nem o faça cahir no falso donjuanismo dos exitos faceis para os que brillam e podem prodigar favores a mãos cheias. Trabalhador incansavel, dedica larguissimas jornadas ás tarefas de sua elevada missão; bem madrugador, sae ás horas crepusculares cavalgando. *“Reprovam-me porque gosto de montar a cavallo — disse em um discurso que pronunciou no Senado. — Eu sou jovem! A juventude, mal divino de que se cura um pouco todos os dias!”*

\* \* \*

Mussolini vem da vida fadigosa, da dôr e do sacrificio, do combate e da meditação activa. Não fez nunca rethorica estatica nem phraseologia sem substancia. Ao contrario suas rudes e asperas sinceridades são como golpes de martello sobre a bigorna que molda o ferro rebelde posto ao vermelho branco; suas exaltações tribunicias não são vãs proméssas,

mas annuncios de realidades futuras; sempre criação, em um e em outro caso.

Em um grupo fascista de Milão, me mostraram uma photographia de Mussolini quando estava nas trincheiras da frente. Seu rosto estava eriçado pelas barbas descuidadas do homem de guerra e com a pobre marmita ao lado. Que pense, quem ler estas paginas, por onde vaga o justo sentimento de admiração por um grande homem, em outros e outros dias: nos pedantes que chegam aos postos mais elevados da politica, pisando fofas alfombras palacianas, heróes da intriga e mestres em conspirações parlamentares; nos rebentos das familias tentaculares que recebem, como por herança, em bandejas de prata, os titulos, as actas de representantes, as carteiras ministeriaes; nos amamentados pelo caciquismo local e amparados pelas oligarchias mancomunadas para explorar o Poder; nos anões erguidos por revoluções de analphabetos e da chusma metida a legislar...

Os beneficiarios do Poder, como os *parvenus* de toda sorte, exhibem os automoveis luxuosos e as queridas brilhantemente ataviadas. Exhibicionismo descarado e insolente. Os despachos dos ministros em nada se differenciam dos comedores reservados dos restaurantes duvidosos; não fala a fama de sua santa vida de trabalho mas dos nomes de suas amantes e das joias que a prodigalidade do politico bem abastado collôca nos bustos provocantes. A opinião sabe fazer até o balanço das fortunas desses aventureiros e profissionaes, antes e depois de seu passo para o Poder, e descobre patrimonios inexplicaveis, tanto que não resistiam a um juiço de resistencia, a que acostumavam os monarchas hespanhóes submeter os vice-reis das Indias.

Sim, é preciso recordar isso para saber estimar em todo seu valor a quem symboliza a negação de tudo isso que se póde encontrar na desditosa vida publica de paizes que não precisa mencionar, sobretudo daquelles em que se confundiu revolução com o destruccionismo e democracia pacifica é laica com a moleza e o sceptismo.

Os que vêm da dor, estes podem comprehender e sen-

tir a pena dos demais. Os que só conheceram privilégios e favores, prodigalidades e bem estar, como fazem sentir a vida oposta? O "varão de dores", este e só este pode ter o destino messianico que prophetizou o formidável Isaias, não só para o mundo religioso, como também para o profano.

\* \* \*

*"Não se deve esquecer que se deve esperar a proibidade mais absoluta naquelles que desempenham cargos publicos e administrativos. O fascismo é uma casa de crystal que todos devem e podem olhar". "Ai daquelles a quem aproveita a caderneta do partido e que poem a camisa preta para fazer negocios que de outro modo não poderiam acabar!" (Mussolini, aos chefes milanezes. Villa Torlonia, 10 de julho de 1929).*

*"Cumpre ficar alheio aos negocios, não fazer nenhum e evitar até ouvir falar delles; declarar que são estranhos á nossa mentalidade de fascistas; e quando existe a necessidade de taes negocios, precisa fazel-os á luz do sol". (Id. no Senado, 5 de dezembro, de 1924).*

Está claro?

Eu guardo um fac-simile, do punho e letra de Mussolini, das instrucções que deu ao Secretario do Fascio de Milão a 24 de julho de 1933. Deram'o na redacção do *Il Popolo di Lombardia*, de Milão. E muitas vezes recreio meus olhos em linhas que dizem assim:

*Não frequentar de dia e muito menos á noite os logares chamados de luxo;*

*Andar a pé o mais possivel; em outros casos, um auto não de luxo e melhor uma motocicleta;*

*Nas cerimonias officiaes, a simples camisa preta;*

*Não modificar os proprios costumes e o proprio teôr de vida, de maneira alguma;*

*Frequentar os bairros obreiros não só moralmente, mas physicamente, nos tempos de difficuldades.*

As anteriores palavras não são literatura politica, mas

normas de vida levadas á realidade. E o povo o sabe e o estima.

\* \* \*

Mas Mussolini dá uma lição proveitosissima a todos os espiritos que na vida publica actuam conscientes do dever de actuar. Quero dizer que essa vida requer uma preparação moral não corrente e na apparencia paradoxo. E' propensa ao desengano e á ingratição e engendra desillusões, porque aquelle que semeia honrada e abnegadamente tem que se resignar a não colher cousa alguma e sim muitas vezes duras injustiças. Mas isso acontece porque não consideram o que o material humano dá de si, sempre escorregadiço. Si se tivesse isso em conta, o homem publico seria como o engenheiro que não cessa seu empenho embora as rochas ponham resistencia á passagem de suas machinas e as ondas derrubem o muro que levantou para construir um porto. O homem publico não deve deixar-se ganhar pelo affecto pessoal, individual, nem abrandar sua vontade com debilidades amistosias; mas amar a Patria, concentrar toda sua energia espirital e sentimental nas coisas eternas, ter nos individuos mediana fé e crer no destino das coisas elevadas. Quasi estou para dizer que se deve adorar a Patria e fustigar os compatriotas no caminho do dever.

Assim, comprehende-se que os grandes conductores de povos tenham sido individualistas, talvez, anti-sociaes, em força de affirmar a independencia de sua personalidade. "*Si vollesse ao mundo meu pae, nem nelle me fiaria*", disse Mussolini. Os sentimentos pessoaes conduzem cedo ou tarde toda classe de desenganos. E' preciso ficar encorajado, endurecido, si se quer conservar integra a faculdade de mando, a vontade inquebrantavel.

E, depois disso, pode-se chegar com resistencia ferrea a este estado moral que só se alcança superando todas as paixões pessoaes, este estado que consiste em fundir-se com a vida dos demais para comprehendel-a e eleva-la e, ao mesmo tempo, estabelecer o contacto moral que fatalmente che-

ga, como todos os outros. Assim se pôde comprehender o pensamento de Mussolini quando diz: "*O curriculum vitae das pessoas que estão ao meu redor, não me interessa e não o conheço; as vejo debaixo da especie da eternidade*".

Os que dessa psychologia se separam poderiam ser santos, mas não esculptores de povos.

Todo aquelle que governe os homens deve começar por conhecel-os como são, e para melhora-los deve muitas vezes renunciar á alegria dos mesmos e ao jubilo que é filho de todo aquelle que se sente livre de um peso. Como o bom pae, deve amar mas também domar a insubmissão da natureza que tão facilmente se desordena.

Mussolini comprehende essa terrivel missão: a realiza e não envaidece por isso. Todo seu orgulho, em pleno triumpho, o retrata nesta amarga ironia contra si mesmo: "*Si tudo fôr bem, dentro de trinta annos talvez terei um busto para os encontros dos criadas e ama-seccas*."

— *Atraz do busto de Mussolini, ás oito horas — hão de dizer os namorados. Que bella satisfação!*"

Mas o temperamento de aço, e a paixão delirante, inextinguivel do *condottiero*, ardem em seu coração. Assim, diz: "*Sou um possesso desta mania*."

*Arde, me roe e me consome, com um mal physico: gravar, com minha vontade, um signo no tempo, como o leão com sua garra*".

\* \* \*

Esse é o Mussolini que eu vi. O mago moderno que, em vez de truques ensina a verdade, e, com ella, que é, antes de tudo, uma conducta, fascina a Italia.

VICENTE GAY

*Professor da Universidade de Valladoid*



BENITO MUSSOLINI

## • *D. Pedro II Imperador do Brasil*

### (RECORDAÇÕES PESSOAES)

Um dia, em Roma, no anno de 1878 si não erro, Terenzio Mamiani devia dar a sua costumeira licção do curso de phylosophia da historia, que eu frequentava. Elle já era octo genario. A sua pequena cabeça ornada de longos cabellos brancos, reunidos em pequenas tranças e ligados por grampos sobre as orelhas, parecia quasi mummificada.

Tinha ainda a celebre eloquencia mas, por falta de dentes, muitas das suas palavras eram antes sibiladas que pronunciadas. Ora, naquelle dia havia apenas começado a sibilar quando se precipita na aula um bedel e lhe fala ao ouvido. Mamiani desce da cathedra o mais depressa que pôde e sáe. Nós nos interrogamos inutilmente, quando torna a entrar com dois personagens, fazendo para u mdelles — alto, bello, com uma grande barba grisalha e porte de grande senhor — repetidos signaes de reverencias. O segundo deveria ser um secretario. O bedel o segue levando uma poltrona ao lado da cathedra. Mas o principal dos recém-chegados, convidando com a mão o professor a subir de novo e continuar, mostra não querer logares privilegiados e procura um banco vasio no amphiteatro. Eu estava sentado, por accaso, na fila mais baixa e lhe dei logar, de modo que elle se collocou ao meu lado.

Quem será, que não será? O enigma é finalmente decifrado porque Mamiani retomando o discurso se dirige a elle com a palavra: "Magestade!" e accrescenta: "Esta minha licção é honrada por um homem que tem a dupla corôa do poder e da sciencia, ou seja, por S. M. D. Pedro II,

Imperador do Brasil". Grandes applausos; a lição prosegue; o meu condiscipulo está attentissimo, e ao fim desce com o professor, evidentemente commentando com elle o que tinha ouvido. Cultissimo e mecenas de cultura, tinha aproveitado de sua viagem e de ficar incognito para ouvir o illustre professor.

---

Tornei a vel-o pelas escadas do Vaticano a ultima vez que veiu a Roma, si bem me recordo nos primeiros mezes de 1889. Tinha obsequiado Leão XIII e o Cardeal Rampolla, e então descia do ultimo andar do Vaticano, onde quizera visitar monsenhor Mario Mocenni, Substituto da Secretaria de Estado, depois cardeal, que havia permanecido longamente no Rio de Janeiro como internuncio. Como pude ver Monsenhor alguns minutos elle me falou com calor do colloquio que tinha tido. D. Pedro II viera para falar da situação do Brasil. O Imperador via progresso por toda parte e se alegra de todo coração. Perguntando-lhe si os partidos politicos luctavam asperamente como primeiro, respondeu que se tinham pacificado. E os antigos republicanos? Não havia mais; elle agora só contava com amigos. "De resto, accrescenta, si o povo, ao envez de me querer ainda como Imperador, me preferisse como Presidente da Republica, eu não teria difficuldades em aceitar".

A esse ponto das confidencias de Monsenhor, me veiu á mente o colloquio não muito diferente tido na quinta real de Monza alguns mezes antes e narrado a amigos por Ruggero Bonghi. Este, ao ir a uma audiencia do Rei Humberto, se tinha encontrado com Benedetto Cairoli que sahia. O Rei lhe disse: "Sabe de que cousa me falou Cairoli? Duma possível mudança de regime; e me disse que, si eu fosse chamado a presidir uma republica não deveria dizer não". Bonghi mostrou curiosidade na resposta dada, mas o Rei preferiu evital-a fazendo uma pergunta: "Si essa fosse a vontade do povo...? Diga-me você". E o outro replicou: "Magestade, eu creio que um soberano deva sempre considerar que a vontade do povo não possa ser diversa da propria".

[16]

Monsenhor Mocenni não tinha as agudas subtilezas de Bonghi e se podia estar seguro de que seu bom senso si teria expresso na mesma boa fé cos que de costume se expressava com o velho cachimbo na bocca. A presença de um Imperador podia ter-lhe feito depôr momentaneamente o cachimbo, mas não alterar a linguagem. De facto, quando lhe pedi como teria recebido a renuncia republicana do augusto senhor, me disse ter-lhe respondido: “Esperemos que o caso não aconteça, mas si os brasileiros quizessem um presidente da Republica esteja certo de que não escolheriam Vossa Magestade”.

E, gratissimo como estava pela grande cortesia daquelle visita, concluiu que o Imperador era um homem de grande valor, mas acrescenta: “Parece-me que usa oculos cõr de rosa: é um literato”, e o disse com o mesmo tom do almocreve que garantia a don Abbondio a docilidade da mula; podia montal-a até o secretario do Cardeal Federico, que era um literato tambem elle.

---

O Imperador tornou a passar em Torino para cumprir um seu condiscipulo, o Principe Eugenio da Carignano, com o qual, embora em classes diversas, devido á differença de idade, tinha estado no Collegio em Paris; e naquelle occasião, visitando o hospital de San Giovanni, admirou a celebre inscripção: *Pauperum temporali, divitum aeternae saluti apertum*. (Aberto para a saude temporal dos pobres para a saude eterna dos ricos).

E quiz transcrevel-a para collocal-a na porta de um hospital a ser construido na patria. Apenas disse seriamente que teria modificado assim: “*Aberto para a saude temporal dos pobres e para a eterna vaidade dos ricos*”. Provavelmente não o terá feito, mas o Soberano, munificentissimo na caridade, irado contra as especulações mundanas da beneficencia, mostrava então sentir-se com forças para dar uma aspera licção ás classes poderosas que peccassem daquellas especulações.

Entretanto, a mula brasileira não era tão docil como lhe tinha parecido. Poucos mezes depois da advertencia de Monsenhor Mocenni, aquelles republicanos que segundo D. Pedro não existiam mais, aquelles amigos que, a ouvil-o eram a totalidade dos cidadãos, um bello dia o depuzeram do throno, nomearam presidente do novo Estado outro que não elle, e o intimaram a partir, embora cumulando-o de consideração. E o imperador, no navio que o conduzia a perpetuo exilio, se consolou com um bello soneto.

Ao ouvir a catastrophe Monsenhor me dizia que a mudança não deveria ter vindo para collocar no lugar de D. Pedro um homem mais democratico do que elle: não o teriam encontrado, tamanha tinha sido sua simplicidade de habitos. Quem queria falar-lhe não precisava pedir audiencia. Bastava perguntasse ao porteiro: "Está em casa Sua Magestade?". O outro lhe dizia para subir e ouvir o camareiro. Este si Sua Magestade estivesse, diria ao recém-chegado abrindo-lhe a porta do gabinete imperial: "Fique á vontade".

A elle, como todos sabem, tratou Alessandro Manzoni, brincando, de tyranno, quando D. Pedro foi visital-o e quiz a todo custo que o poeta, que se esquivava, se sentasse á sua direita. "Aos tyranos é preciso obedecer", acabara por lhe resder o visitado. E quem sabe; para a duração do seu poder talvez tivesse sido melhor que na patria o tivessem seriamente tratado e podido tratar por tyranno. Lê-se que Napoleão, recentemente no throno e tendo ido habitar as salas das Tuileries, mandou lhe indicassem uma noite, fazendo circulo, o uso que de cada uma tinha feito Luiz VXI. Um conselheiro de Estado, que era bom cicerone e tinha conservado a linguagem jacobina, lhe respondeu: "Nesta o tyranno tinha a escrivinha". Napoleão lhe poz a mão no hombro e disse: "Ah! meu caro, si Luiz tivesse sido um tyranno ainda reinaria".

Todavia, si os sonetos de D. Pedro não tiveram bastante efficacia para sustentar ou vingar a coroa, o ter elle escolhido um tal meio fez com que a recordação dos longos annos em que reinára ficasse sem traços de contrastes e de

aversões na propria alma de quem o havia desthronado, e se pudesse tranquillamente reconhecer o muitissimo que tinha feito pela civilização da sua patria. Ha já tempo que a Republica mandou buscar e acolheu com grandes honras os despojós da Imperatriz e delle.

FILIPPO CRISPOLTI.

## *Leonetta Cecchi Pieraccini em São Paulo*

Chegara nestes dias com o vapor "*Conte Biancamano*" a grande artista italiana Leonetta Cecchi Pieraccini, que vae a S. Paulo pôr uma exposição dos seus quadros.

E' um precioso presente que leva para o Brasil a grande transatlantico Italiano.

Leonetta Cecchi Pieraccini destaca-se entre as figuras mais notaveis da arte contemporanea. Nenhuma outra das nossas artistas podia ser mais dignamente escolhida qual embaixatriz da nossa arte.

Discipula de Giovanni Fattori, por quanto fiel á escola desse grande Mestre, soube participar ás novas corrente, criando-se com a sua firme personalidade uma posição de relevo no difficil mundo artistico europeu.

No Museu da Arte Moderna de Amsterdam, nas Galerias de Veneza, New York, Roma e Milão numerosos são os seus trabalhos que têm recebido a ambida honra de figurar entre os mais representativos da arte moderna.

Leonetta Cecchi Pieraccini, nascida na feliz terra de Toscana, é esposa do escriptor Emilio Cecchi, ao qual foi conferido este anno o *Premio Mussolini* pela literatura.

## *As aspirações das creanças*

*Arturo Marescalchi, uma das maiores competencias de Italia em materia de agricultura e por longos annos membro do governo fascista, publica neste artigo os resultados de um interessante inquerito, por nós em parte transcripto da "Nuova Antologia".*

Ha trinta e cinco annos, fiz um curioso inquerito entre as creanças de seis a dez annos, em tres diversos centros da provincia de Bolonha. Tornei a fazer, no anno passado, o mesmo inquerito nos mesmos centros, para vêr a evolução soffrida em mais de um terço de seculo nos mesmos ambientes do pensamento pelas creanças da nova geração.

Talvez não seja sem interesse colher agora a proposito algumas observações.

A pergunta a que a creança devia responder era : *Que cousa quereria si fosse rico ?* De onde se destaca que o titulo dado a este estudo é talvez inexacto ou meños incompleto, porque elle não revelará *todas* as aspirações das creanças, mas sómente aquellas cuja realização é possivel com a riqueza.

Mas como a creança tem da riqueza uma idéa confusa, imperfeita, e exagerada, que lha faz apparecer como o meio para satisfazer qualquer desejo humano, respondendo á pergunta sobre a riqueza acabou por abrir inteiramente sua alma.

A pergunta foi feita a escolares de classes elementares de ambos os sexos. Os tres centros estudados ha trinta e cinco annos são os mesmos : *Baricella*, região da planice,

de character agricola; *Castelmaggiore*, de character industrial; e a cidade, *Bolonha*.

Baricella, na baixa planice bolonheza, era, ha trinta e cinco annos, uma pobre aldeia no meio de arrozaes. Nella existia grande pletóra de braços; os trabalhadores, carregados de familia, ganhavam nas melhores jornadas uma lira e passavam grande parte do inverno sem trabalhar.

Nossas condições de ambiente, as creanças, impressionadas pela miseria geral accrescida pelo momento em que o inquerito foi feito, o inverno, pensam antes de tudo na esmola aos pobres. Mas logo que differença entre os meninos e as meninas! Em igual idade e no mesmo ambiente, o menino dá maior relevo ao forte, ao rude; a menina ao doce, ao bom.

Sobre cem meninas, noventa declaram que, si fossem ricas, fariam a caridade aos pobres; sobre cem meninos, ao contrario, sómente vinte e cinco mostram esse desejo. Mas não é só numerica a differença; é no modo de praticar ao bem que se revela a alma gentil das meninas.

O menino diz sem mais nada que daria esmolas aos pobres. Um explica: si tivesse algum dinheiro, o daria aos pobres; si não tivesse, me limitaria á compaixão.

Mas as meninas ao contrario! Poucas falam de dinheiro e muitas explicam longamento como fariam a caridade aos pobres. Algumas dariam vestidos, sapatos, lenços, lenha; outras querem socorrer os doentes e os infelizes, fazer casas para abrigal-as, sustentar os pobres velhos, etc.

Quanto aos outros desejos, as meninas pensam nas apparencias: nos bellos vestidos, no chapéu, nos brincos de ouro, nos brinquedos — bem modestos — que viram na loja do mercieiro do logar. Algumas querem bellos jardins com muitas flores; muitas querem ir todos os dias á cidade.

E' essa a aspiração mais forte das creanças do campo. A cidade é para ellas a imagem da grande vida; é o paraizo do luxo, dos brinquedos, dos divertimentos.

Os meninos manifestam, ao contrario, desejos mais viris.

Assim, naquella região pobre, onde a alimentação ordinaria do trabalhador tinha por base o milho, com uma constancia e uma preocupação geral os meninos escrevem que si fossem ricos não quereriam comer polenta. Pobres meninos! e se teriam contentado com tão pouco : aspiravam á riqueza só para ter pão, carne, caldo.

Mas eis provas desses escriptos :

De menina :

Que prazer sentiria si fosse rica ! quereria ir aos banhos de mar, quereria proseguir os estudos, soccorreria um mendigo, construiria um bonito palacio, iria ao theatro todas as noites, compraria uma boneca que falasse, que fechasse e abrisse os olhos, quereria cultivar um jardim com as flores mais bonitas e mais finas, depois iria a Milão e faria tantas bellas cousas que agora não digo.

Dos meninos:

Eu si fosse rico não trabalharia mais e iria embora de coche. E comeria bem — Depois não beberia agua mas beberia vinho. E compraria um bonito palacio, um bonito cavallo e um coche. Depois comeria gallinhas.

Si si fosse rico comeria pão e depois iria embora de coche; e depois iria embora de vapor e depois me vistiria bem e depois não comeria polenta.

Passando aos meninos de um paiz mais rico, Castelmaggiore, em que florescem a agricultura e a industria, vemos desaparecer as lamentações da escassa alimentação; vemos alargar-se o horizonte dos desejos; respira-se um ar mais são, mais vigoroso. Satisfeitos os desejos de primeira necessidade, a creança pensa nos seus caprichos.

Ter muitos brinquedos, coches, cavallos, palacios, viajar todo o mundo, etc., são os desejos costumeiros destes meninos.

Eis uma prova:

Si eu fosse rico compraria um bonito cavallo preto com um bonito coche e iria sempre embora, compraria um bonito orgão e depois tocaria, e depois tocaria uma trombetinha de tocar, e depois compraria um bonito velocipede para ir a Bolonha todas as manhãs,

depois compraria uma barca com seu cavallo para puxar, e depois compraria uma bonita estufa e depois vaporzinhos dos bons e compraria bonitos palacios.

Si passamos do campo para a cidade, encontramos nas creanças uma quantidade muito maior de idéas, de tendencias, de gostos.

A idéa de caridade existe em quasi todos, porque, por razões de contraste, é aqui mais frequente e manifesta a constatação da miseria; a creança fala em fundar institutos para os pobres enfermos, para os velhos, para a infancia abandonada, idéas que ouviu repetir em casa pelos paes, ou lidas nos jornaes. Um queria levar os pobres até aos marionettes, "para que se divirtam tambem elles".

Mas crescido o grau de cultura geral crescem tambem os desejos. Assim, emquanto as creanças do campo aspiram a possuir um cavallo e uma charrette, estes da cidade querem dois que corram como o vento, e querem criados com libré enfeitada de prata e ouro, e velocipedes bonitos e brinquedos complicados e custosos. Alguns chegam a dizer que queriam andar vestidos de prata e ouro, e quereriam todos os utensilios de casa em metaes nobres.

E' uma idéa muitissimo diffundida entre as creanças a de crêr que os ricos tenham tudo em ouro, porque suas mentes estão cheias de contos fabulosos em que os favoritos da fortuna são cobertos de ouro. Eu me lembro da viva e dolorosa surpresa soffrida por um menino quando soube por mim que o Rei tinha cavallos de carne e osso como os outros e que a Rainha vestia como as nossas melhores senhoras.

A influencia do momento é tambem assaz manifesta. Um menino quereria substituir o Instituto Orthopedico Rizzoli que naquelle anno tinha sido inaugurado em Bolonha. Um outro enumera muitas posições sociaes delle preferidas, mas sob a influencia dos escandalos bancarios daquella época, diz: "Não serei commendador".

Augmentam ainda os desejos do luxo: querem ir ao

café, ao theatro todas as noites, aos bailes, querem um piano; todos desejos que não se encontram nas creanças do campo.

Eis uma prova :

Si eu fosse rico mandaria fazer um bonito palacio com oito ou nove quartos, compraria um magnifico coche, puxado por dois fogosos cavallos com soberbos enfeites, e dirigido por um bello homem com libré filetado de prata. Arranjaria o cosinheiro, a empregada, compraria uma bellissima cavallariça e tantos moveis de casa; no verão, iria alguns mezes para o campo e alguns mezes para Rimini tomar banho.

Compraria um bello negocio cheio de doces com todas as qualidades de pastelaria. E quereria fazer caridade aos pobres.

Passaram trinta e cinco annos.

Baricella não é mais um pobre logar. A obra de bonificação e o progresso agricolo geral a transformaram completamente.

E então eis que nas respostas das creanças desaparece o senso da miseria geral. Não se fala mais de polenta e pão; mas o pensamento corre para a commodidade para o luxo e para os divertimentos.

Ha ainda, é é natural, a differença entre meninas e meninos; aquellas querem principalmente o que se relaciona com os vestidos e a casa; estes com os divertimentos e as commodidades de sabor mais masculino.

Eis uma menina :

Si eu fosse rica gostaria de uma bella villa e no jardim um tanque. Todas as semanas faria um almoço. Ter vestidos de seda e ouro, pulseiras, anneis, brincos. E as saias com a cauda comprida, tres metros, e na sala quereria lampadarios de cem velas. Quereria tambem um casaco todo de pelle.

A preocupação do vestido é predominante, alcança o reino das fadas nesta outra :

Quereria vestir-me com um vestido todo ornado de ouro, com uma cauda compridissima. Um bonito par de sapatos ornado de prata, um chapéu ornado todo de pedras preciosas. Eu quereria ser vestida como uma Princesa.

Arespeito de vestidos se insinuam particulares de moda. "Gostaria de uma bella saia feita em fórma de lua e uma pellica daquellas finas, mas a quereria branca". Uma outra quer "uma bonita bolsinha com espelho pequeno dentro".

Ainda: "Cinco saias só para o verão. E cinco para o inverno. Duas bonitas pellicas para o inverno.

Ha tambem meninas com idéas muito modestas e inspiradas na sabedoria economica. Uma diz :

Levaria todo dinheiro que tivesse para a caixa economica e quando tivesse necessidade iria buscal-o; si ficasse doente tiraria dinheiro e iria me tratar no mar.

Mais sabia ainda uma menina; depois de ter dito todas as cousas que faria e quereria, conclue ;

... me contento tambem assim como sou.

Os meninos são em geral mais breves na exposição dos desejos attinentes á riqueza. Quarenta e oito sobre cincoenta quereriam automovel e correr ou passear para ver a cidade. Um se limita só ao automovel :

... para ir a Roma e ver o nosso Rei com o nosso Duce.

Comprehende-se que varios accrescentam a motocycleta velocissima, outres tambem o bello cavallo e a elegante charrette.

Não faltam os que querem o aeroplano; um até quer "com quinze metros de comprimento e dois de largura" mas quer tambem "um navio com mil marinheiros e com cem canhões".

Um bom menino quereria :

... dar hospedagem a todos aquelles que são pobres e dar trabalho á todos para que possam viver.

Um pouco de phantasia typo feminil tem este outro que "quer comprar a embarcação mais bonita do mundo que fosse toda de prata. Tiraria uma photographia de mim, grande como um palacio e... (attenção !) quereria que o Paraizo fosse meu e tambem o Purgatorio".

Um outro mandaria "fazer fontes e tambem uma que jorrasse vinho. Mandaria fazer para a minha mulher uma saia com quatro metros de comprimento".

### Idéas generosas :

Faria tanto bem á Italia para que se torne maior, mais rica, mais forte. Quando estivesse perto de morrer distribuiria todos os meus milhões aos pobres.

Um diz só isto :

Si fosse rico compraria uma espingarda e quando os fascistas fossem para a guerra eu iria com elles.

Quanto a profissão ou misteres futuros ha alguns que querem ser professor, outros negociantes e um escreve :

Si fosse rico quereria tambem trabalhar, ser barbeiro.

Simple e doce esta de um pequeno da terceira classe :

Si fosse rico compraria tudo aquillo que a mamãe gosta. Uma bonita casa pintada e retratos de Mussolini. E quando viessem pedir esmolos daria muito dinheiro.

---

### O ambiente muda :

Castelmaggiore é mais rica; a estação ferroviaria assumi maior importancia, augmentadas as suas fabricas.

Nos escriptos das creanças os horizontes se alargam, ha uma luz diversa, maior desenvoltura de idéas, o que todavia não significa sempre que sejam melhores.

Mais répetido, mais fixo, quasi unanime é o desejo de fazer alguma coisa para os pobres, para os orphãos, para os infelizes.

Omito pois as notações relativas á beneficencia e ao auxilio aos pobres com esmolos, hospitaes, asylos, etc., por que se repetem em todos os escriptos.

Vejamos tambem aqui as meninas.

As pequenas da segunda classe elementar são de grande brevidade e simplicidade : "Compraria um chapeuzinho, um bonito casaco e iria a "Bolonha". E basta :

Uma quereria ser "a mais senhora da Italia"; uma outra quereria tambem um bonito cachorrinho, mas se apressa logo a dizer "mas depois si fica debaixo do automovel eu

fico sem elle". Uma outra quereria ter "a machina de costura para fazer as camisas do meu marido".

Essa idéa da machina, fructo do ambiente, apparece mais frequente nas creanças das outras classes superiores: querem a machina de costura, o ferro electrico, a luz electrica, a machina de fazer meias e malhas.

Os meninos da mesma segunda classe elementar falam de villas e de palacios, de automoveis, de motocicletas e bicycletas; um especifica que com auto "iria ver S. M. o Rei da Italia".

Muito simples e modesto, um destes pequenos diz somente:

Si fosse rico iria trabalhar assim mesmo como mechanico. A gente ganha trinta liras por semana. Depois procuraria uma casa e entraria nella.

Uma menina que quer "vestido de seda sem mangas, chapéu de *panno Lenci* vermelho, cabellos cortados á moda", accrescenta que aranjaria tambem uma empregada "mas si a empregada trabalha mal eu bato nella e não pago mais".

Philosophicamente e sabidamente uma conclue a exposição dos senhos de riqueza assim "Por enquanto sou bastante rica porque tenho saude".

Entre os meninos ha um que quereria "130 palacios, em um morar a eu e nos outros 129 ficariam outras familias: Assim seria um patrão de casa, e aquelles familias que morassem eu faria me pagar 1.200 liras cada familia".

Um quer "uma bellissima casa, junto á casa eu faria uma officina de carpinteiro. Faria os operarios trabalharem; eu todo o dia passeando", por outra parte accrescenta: "Si tivesse de morrer ficaria muito triste de deixar a minha casa e a officina".

Comprehende-se que apparece sempre o automovel para passear, para tomar parte em corridas, para ir ver grandes cidades.

Mas um menino adverte: "Dizem que é uma bella cousa ser ricos, mas precisa pensar que si todos fossem ri-

cos ninguem quereria trabalhar, e si ninguem trabalhasse que cousa comeriamos nós?"

Um outro compraria terra, semearia trigo fazendo muitos homens trabalhá-la bem "para que o trigo crescesse bonito e forte. Compraria tambem terras pantanosas e as faria bonificar. O trigo tirado eu venderia por menos ás familias necessitadas".

Um outro pensa tambem nas suas commodidades: "Quando papae me manda fazer um trabalho, sou obrigado a ir, de outro modo me mandam dormir sem jantar, ao contrario si fosse um senhor iria a empregada e eu ficaria sentado na poltrona muito commoda, ou então iria ao theatro, ao cinema".

Sobre a necessidade de gosar o dinheiro até que se fica no mundo, escreve um menino: "Um senhor quando morre tambem si tem muito dinheiro não o levará comigo: deixa que o levem a Bolonha Certosa, mas elle não gosará nada porque já está morto".

E' questão todavia de se entender sobre o modo de gosar o dinheiro porque, nota um outro pequeno, "não faria como certos senhores que vão a Monte Carlo para jogar todo o dinheiro e quando estão sem dinheiro se jogam num precipicio e se despedaçam a cabeça". Quanto a riqueza e instrucção ha um pensamento justo de um outro menino: "Si fosse rico precisaria que fosse assim mesmo á escola para apprender, porque senão ficaria rico mas burro".

---

Estamos na cidade, Bolonha, e ahi voltamos depois de trinta e cinco annos.

A civilização andou mais do que em outros logares. As creanças vêem tantas cousas novas, ouvem falar de acontecimentos sempre mais grandiosos, o horizonte parece alargado de centenas de milhares.

Mas é consolante que se mantenha, e mesmo se torne geral, sem excepções, o desejo de empregar a riqueza para ajudar os pobres. E se accrescenta assaz mais repetido e mais bem explicado, o amor pela Patria.

Uma menina quer, sim, a bella villa com bellas flores, mas tambem

... bellos moveis lucidos porque, si devesse convidar alguem, não quereria que fossem dizer que tenho uma casa com moveis empoados e quadros cheios de poeira.

Uma outra adverte :

Não pretenderia ter milhões. Mas bastaria poder comprar o automovel, todos os instrumentos de musica e um bonito castello.

Uma terceira :

Si fosse rica gostaria de comer capões. Quereria ter uma bonita villa no mar ou então ir para o campo. Gostaria de ter brinquedos para mim e para os meus irmãozinhos. Desejaria um automovel para guiar. Mas de mais bõa vontade preferiria estudar para ser empregada, assim poderia comer ao menos cinco ou seis pasteis por dia.

Curioso um menino da quarta classe elementar. Quer o :

... submergivel para viajar de um polo ao outro, descobrir novas terras... ir caçar pinguins, amestral-os para divertir os meus companheiros. Quereria voltar á Italia e escrever um livro intitulado "O polo."

Frequente é nos meninos modernos o desejo de pilotar aeroplanos. "Quereria ser aos 17 ou 18 annos official de aeronautica e dar bellos passeios com os meus paes e participar em vôos atlanticos" escreve um. "Quereria ir em aeroplano alto até as nuvens a afrontar as tempestades, as chuvas, a neve. E na guerra disparar contra os inimigos", diz um outro.

Uma resposta inteira para terminar :

Si fosse rico quereria estudar muitissimo para ajudar como ajuda Benito Mussolini a mãe Italia; compraria para mamãe um bonito vestido para parecer mesmo uma senhora como tantas outras; quereria fazer deixar de trabalhar a minha mãe que trabalha para mim dia e noite para me dar de comer; tenho meu pae na ilha de Rodi trabalhando. Si fosse rico quereria fazer uma viagem em aeroplano para ver o meu pae e dizer-lhe: "Vem para a casa da minha mãe e dos meus irmãos que ha muito tempo te querem ver. Toma muito dinheiro e volta para a Italia". O meu pae trabalha muito para manter a familia. Si fosse rico quereria que elle não trabalhasse todo o dia e quereria que tambem elle se divertisse.

ARTURO MARESCALCHI

## Un'avventura a Rio de Janeiro

Nel luglio del 1895 dall'Argentina passai al Brasile e mi trovai a Rio de Janeiro proprio quando più infuriava la febbre gialla.

Nella città, che ha la più incantevole baia del mondo — tale da vincere al confronto perfino quella divina e luminosa di Napoli — la paura era molta. Il morbo mieteva ogni giorno decine di vite umane. Ma questo non impedì che la vasta sala del "Lirico" fosse ogni sera gremita di spettatori. I buoni *brasileri* forse pensavano che in simili frangenti, la cosa migliore era affrontare allegramente il probabile trapasso per l'al di là: e Fregoli e le bevande alcoliche rappresentavano in quel momento un eccellente diversivo. Venivano a teatro, dimenticavano il flagello, si divertivano come fanciulli, e poi bevevano come... grandi.

A me fu consigliato di non abitare nel cuore della città, dove l'epidemia faceva più vittime. Mi condussero nella parte più alta ed eccentrica di Rio de Janeiro, a Vista Alegre. Ordinanze municipali vietavano di banchettare, di notte, e quasi tutti i locali notturni erano chiusi; ma io ero ghiotto e, fin da giovane, un forte mangiatore. Mi diedi, dunque, d'attorno; scovai dei luoghi dove si potevan trascorrere piacevolmente le ore piccine, e in buona compagnia arrivavo quasi sempre a veder sorgere il sole: spettacolo veramente superbo, nella baia di Rio de Janeiro. E fu proprio un mattino che, rincasando a Vista Alegre, ebbi la poco allegra visione di trovarmi dinanzi a tre morti di febbre in una stanza terrena della casa stessa in cui avevo preso alloggio!

[23]

Mi persuasi, allora, che Madonna Morte era più rapida ad entrare in scena di quanto non lo fossi io in tutte le mie trasformazioni, e che non era il caso di scomodarsi tanto per sfuggirla. Detto fatto, tornai nel centro della città e presi dimora vicino al Teatro "Lirico".

Una sera, durante un intervallo dello spettacolo, mi venne portato un biglietto, che conservo ed ancora mi fa sorridere quando poso gli occhi sopra i suoi caratteri sbiaditi. Diceva testualmente così, in brasiliano, s'intende: "Una sconosciuta vi ammira da venti giorni. Se gli ardori di un'ammirazione troppo viva non vi spaventano, stasera, alla fine dello spettacolo, troverete alla porta del pascoscenico una carrozza bianca ad aspettarvi".

Ero giovane; non sapevo che fosse paura; e poi, in quell'avventura c'era il fascino del mistero. Non esitai. Al termine della rappresentazione, corsi all'uscita e, trovata una carrozza tutta bianca, bianca fuori e dentro, ci balzai su, e quella, via di corsa attraverso la città, tirata da quattro mulletti di colore caffè e latte. Di nero, nell'equipaggio, non c'erano che il cocchiere e lo staffiere, due mori erculei, come erano di moda nelle grandi famiglie brasiliane.

Mentre i mulletti correvano, io ammiravo un fascio di lilla, bianchi anche questi, che adornavano l'interno della carrozza, e pensavo alla misteriosa ammiratrice che m'attendeva... Chissà che divina creatura! Chissà che lusso e che raffinatezze nella sua casa, a giudicare dalla eccentricità di quell'equipaggio!... Arrivammo davanti ad una villa, magnifica. Un portiere, negro con i capelli brizzolati, m'introdusse nella casa e in un salotto degno delle Mille ed una notte. Sopra una tavola lussuosamente apparecchiata stavano bottiglie di vini prelibati e grandi vassoi di frutta meravigliosa da trarre in tentazione un anacoreta. Attesi per qualche minuto, lo confesso, col cuore trepidante. Un passo, un fruscio di vesti e m'apparve, coperta di pizzi e di gioielli come un'imperatrice bizantina, una... negra enorme, grassa come un ippopotamo e brutta come... il morbo che continuava ad infierire nella città. Era lei l'ammiratrice sconosciuta!... Da lei dovevo aspettarmi gli ardori di una ammi-

razione troppo viva!... Altro che febbre gialla! Mi venne incontro scoprendo su di un sorriso bestiale una fila di denti gialli... Io non ci pensai sopra un momento; diedi mentalmente un commosso addio alle bottiglie di vini prelibati ed alla frutta meravigliosa e saltai dalla finestra. Per fortuna, ni trovavo a pianterreno!

Seppi, più tardi, che la mia ammiratrice era una ricchissima proprietaria di piantagioni di caffè. Ma si trattava di un caffè troppo nero!

### LEOPOLDO FREGOLI



FREGOLI

*in una caricatura di trent'anni fa*

FREGOLI RACCONTATO DA FREGOLI -- MILANO, RIZZOLI, 1936. L. 18

SCRITTORI D'ITALIA

LUIGI PIRANDELLO

A fama de Luigi Pirandello, como o mais forte e original escritor de theatro dentre os vivos, é tão solida e de tal maneira diffundido por todo o mundo que seria vã fadiga accrescentar novas palavras em sua honra. Conhecido o homem, conhecidissima a sua obra:

Não ha parte do mundo que não conheça alguns dos seus trabalhos e que não tenha tido o prazer de ver pessoalmente a arguta figura do artista siciliano, que com os seus setenta annos de idade ainda está em pleno vigor de sua potencia creadora.



Da sua vida, pouco ou nada de interessante pôde ser dito. Nascido a 1867 em Agrigento, até 1922 foi professor de escolas medias e depois lente no *Instituto Magistrale* de Roma. Começou a escrever muito jovem: poesias, novellas, e finalmente comedias. Mas a fama chegou tarde e lenta. Conhecido e discutido nas esferas intellectuaes, era, até a vinte annos passados, quasi igno-

rado do grande publico. A sua comedia *I sei personaggi in cerca di autore*, representada em 1915, começou a abrir-lhe as portas da fama.

Assim aos cincoenta annos, no periodo em que geralmente se começa a viver das glorias do passado, Luigi Pirandello começava a sua nova existencia de dramaturgo.

Mas si a sua fama é devida quasi exclusivamente ao theatro, deve-se reconhecer que antes ainda de escrever uma unica das suas comedias mais conhecidas, elle já tinha produzido obras pri-

mas no campo da prosa narrativa e especialmente novellistica, que por si sós seriam sufficientes para conquistar a immortalidade.

As suas novellas são talvez as mais bellas que tenham sido escriptas nos nossos tempos. Nenhum entre os escriptores vivos soube encontrar accentos tão profundos e efficazes, escorços tão seguros e felizes para dar vida, nas breves pa-

ginas de uma novella, a personagens de toda condição e caracter, como nestas pequenas obras primas de Luigi Pirandello. Siciliano de espirito, de estylo e de tradição, as suas novellas reproduzem á perfeição o caracter vivo, generoso, impetuoso da nobilissima gente da Sicilia.

Luigi Pirandello é academico d'Italia, e alcançou o premio Nobel de 1935. Dos seus filhos, Fausto é bem conhecido como pintor; e um outro sob o pseudonymo de Stefan o Landi, adquiriu fama de escriptor tendo vencido o *Premio Viareggio* 1935

## BIBLIOGRAPHIA

**POESIA** — *Mal giocondo* — *Pasqua di Gea* — *Elegie romane* (trad. dal Goethe) — *Zampogna* — *Fuori di chiave*.

**ROMANZI** — *Il turno* — *L'esclusa* — *Il fu Mattia Pascal* — *Suo marito* — *I vecchi e i giovani* — *Si gira* — *Uno, nessuno e centomila* — *Quaderni di Serafino Gubbio*, Mondadori, L. 10, ciascuno.

**NOVELLE** — *Novelle per un anno*, in 24 volumi (di cui 14 pubblicati; Mondadori, L. 5), di 15 novelle ciascuno.

**TEATRO** — **MASCHERE NUDE** (tutti in edizioni Mondadori, a L. 5 meno le ultime, al prezzo indicato) — *Tutto per bene* — *Come prima, meglio di prima* — *L'uomo, la bestia e la virtù* — *La signora Morli, una e due* — *Vestire gli ignudi* — *La vita che ti diedi* — *Ciascuno a suo modo* — *Pensaci, Giacomino!* — *La Sagra del Signore della nave* —

*L'altro figlio* — *La giara* — *Il piacere dell'onestà* — *Il berretto a sonagli* — *Il giuoco delle parti* — *Ma non è una cosa seria* — *L'innesto* — *La ragioni degli altri* — *L'imbecille* — *Lumie di Sicilia* — *Cecé* — *La patente* — *All'uscita* — *Il dovere del medico* — *La morsa* — *L'uomo dal fiore in bocca* — *Diana e la Tuda* — *L'amica degli mogli* — *La nuova colonia* — *Liola* — *Di uno o di nessuno* — *Sei personaggi in cerca d'autore*, L. 10 — *Enrico IV*, L. 10 — *Costi è (se vi pare)*, L. 10 — *Lazzaro*, L. 9 — *Questa sera si recita a soggetto*, L. 10 — *Come tu mi vuoi*, L. 10 — *Trovarsi*, L. 10 — *Quando si è qualcunL. 10.0,*

A bellissima novella que transcrevemos é extrahida do volume: *Scialle nero*, o primeiro das *Novelle per un anno* — Milano, Mondadori, L. 5.

## Prima Notte

quattro camice,  
quattro lenzuola,  
quattro sottane,

quattro, insomma, di tutto. E quel corredo della figliuola messo su, un filo oggi, un filo domani, con la pazienza d'un ragno, non si stancava di mostrarlo alle vicine.

— Roba da poverelli, ma pulita. —

Con quelle povere mani sbiancate e raspose, che sapevano ogni fatica, levava dalla vecchia cassapanca d'abete, lunga e stretta che pareva una bara, piano piano, come toccasse l'ostia consacrata, la bella biancheria, capo per capo, e le vesti e gli scialli doppii di lana: quello dello spozalizio, con le punte ricamate e la frangia di seta fino a terra; gli altri tre, pure di lana, ma più modesti; metteva tutto in vista sul letto, ripetendo, umile e sorridente: — Roba da poverelli... — e la gioja le tremava nelle mani e nella voce.

— Mi sono trovata sola sola, — diceva. — Tutto con queste mani, che non me le sento più. Io sotto l'acqua, io sotto il sole; lavare al fiume e in fontana; smallare mandorle, raccogliere ulive, di qua e di là per le campagne; far da serva e da acquajola... Non importa. Dio, che ha contato le mie lagrime e sa la vita mia, m'ha dato forza e salute. Tanto ho fatto, che l'ho spuntata; e ora posso morire. A quel sant' uomo che m'aspetta di là, se mi domanda di nostra figlia, potrò dirglielo: — "Sta'in pace, poveretto; non ci pensare: tua figlia l'ho lasciata bene; guaj non ne patirà. Ne ho patiti tanti io per lei". Piango di gioja, non ve ne fate... —

E s'asciugava le lagrime, Mamm'Anto', con una cócca del fazzoletto nero che teneva in capo, annodato sotto il mento.

Quasi quasi non pareva più lei, quel giorno, così tutta vestita di nuovo, e faceva una curiosa impressione a sentir-la parlare come sempre.

Le vicine la lodavano, la commiseravano a gara. Ma la figlia Marastella, già parata da sposa con l'abito grigio di raso (una galanteria!) e il fazzoletto di seta celeste al collo, in un angolo della stanzuccia addebbata alla meglio per l'avvenimento della giornata, vedendo pianger la madre, scoppiò in singhiozzi anche lei.

— Maraste', Maraste', che fai? —

Le vicine le furono tutte intorno, premurose, ciascuna a dir la sua:

— Allegra! Oh! Che fai? Oggi non si piange... Sai come si dice? Cento lire di malinconia non pagano il debito d'un soldo.

— Penso a mio padre! — disse allora Marastella, con la faccia nascosta tra le mani.

Morto di mala morte, sett'anni addietro! Doganiere del porto, andava coi *luntri*, di notte, in perlustrazione. Una notte di tempesta, bordeggiando presso le Due Riviere, il *luntro* s'era capovolto e poi era sparito, coi tre uomini che lo governavano.

Era ancor viva, in tutta la gente di mare, la memoria di questo naufragio. E ricordavano che Marastella, accorsa con la madre, tutt'e due urlanti, con le braccia levate, tra il vento e la spruzzaglia dei cavalloni, in capo alla scogliera del nuovo porto, su cui i cadaveri dei tre annegati erano stati tratti dopo due giorni ricerche disperate, invece di buttarsi ginocchioni presso il cadavere del padre, era rimasta come impietrita davanti a un altro cadavere, mormorando, con le mani incrociate sul petto:

— Ah! Amore mio! amore mio! Ah, come ti sei ridotto...

Mamm'Anto', i parenti del giovane annegato, la gente accorsa, erano restati, a quell'inattesa rivelazione. E la madre dell'annegato — che si chiamava Tino Sparti — (vero giovane d'oro, poveretto!) sentendola gridar così, le aveva subito buttato le braccia al collo e se l'era stretta al cuore, forte forte, in presenza di tutti, come per farla sua, sua e di lui, del figlio morto, chiamandola con altre grida:

—Figlia ! Figlia !

Per questo ora le vicine, sentendo dire a Marastella: — Penso a mio padre, — si scambiarono uno sguardo d'intelligenza, commiserandola in silenzio. No, non piangeva, sì, pensando che il padre, vivo, non avrebbe accettato per lei quel partito, che alla madre, nelle misere condizioni in cui era rimasta, sembrava ora una fortuna.

Quanto aveva dovuto lottare Mamm'Anto' per vincere l'ostinazione della figlia !

— Mi vedi ? sono vecchia ormai. più della morte che della vita. Che spero ? che farai sola domani, senz'ajuto, in mezzo a una strada ?

Sì. La madre aveva ragione. Ma tant'altre considerazioni faceva lei, Marastella, dal suo canto.. Brav'uomo, sì, quel don Lisi Chirico che le volevano dare per marito, — non lo negava — ma quasi vecchio, e vedovo per giunta. Si riammogliava, poveretto, più per forza che per amore, dopo un anno appena di vedovanza perchè aveva bisogno d'una donna lassù, che badasse alla casa e gli cucinasse la sera. Ecco perchè si riammogliava.

— E che te n'importa ? — le aveva risposto la madre. — Questo anzi deve affidarti: pensa da uomo sennato. Vecchio? Non ha ancora quarant'anni. Non ti farà mancare mai nulla: ha uno stipendio fisso, un buon impiego. Cinque lire al giorno. una fortuna!

— Ah sì, bell'impiego! bell'impiego!

Qui era l'intoppo: Mamm'Anto' lo aveva capito fin da principio: nella qualità dell'impiego del Chirico.

E una bella giornata di maggio aveva invitato alcune vicine — lei, poveretta! — a uno scampagnata lassù, sull'altipiano sovrastante il paese.

Don Lisi Chirico, dal cancello del piccolo, bianco cimitero che sorge lassù, sopra il paese, col mare davanti e la campagna dietro, scorgendo la comitiva delle donne, le aveva invitate a entrare.

— Vedi? Che cos'è? Pare un giardino, con tanti fiori... — aveva detto Mamm'Anto' a Marastella, dopo la visita al camposanto. — Fiori che non appassiscono mai. E qui, tutt'intorno, campagna. Se sporgi un po' il capo dal cancello, vedi tutto il paese ai tuoi piedi; ne senti il rumore, le voci... E hai visto che bella cameretta bianca, pulita, piena d'aria? Chiudi porta e finestra, la sera; accendi il lume; e sei a casa tua: una casa come un'altra. Che vai pensando?

E le vicine, dal canto loro:

Ma si sa! E poi, tutto è abitudine; vedrai, dopo un pajo di giorni, non ti farà più impressione. I morti, del resto, figliuola, non fanno male; dai vivi devi guardarti. E tu che sei più piccola di noi, ci avrai tutte qua, a una a una. Questa è la casa grande, e tu sarai la padrona e la buona guardiana.

Quella visita lassù, nella bella giornata di maggio, era rimasta nell'anima di Marastella come una visione consolatrice, durante gli undici mesi del fidanzamento: a essa s'era richiamata col pensiero nelle ore di sconforto, specialmente al sopravvenire della sera, quando l'anima le si oscurava e le tremava di paura.

S'asciugava ancora le lacrime, quando don Lisi Chirico si presentò su la soglia con due grossi cartocci su le braccia — quasi irriconoscibile.

— Madonna! — gridò Mamm'Anto'. — E che avete fatto, santo cristiano?

— Io? Ah sì... La barba... — rispose don Lisi con un sorriso squalido che gli tremava smarrito sulle larghe e livide labbra nude.

Ma non s'era solamente raso, don Lisi: s'era anche tutto incicciato, tanto inspida e forte aveva radicata la barba in quelle gote cave, che or gli davano l'aspetto d'un vecchio capro scorticato.

— Io, io, gliel'ho fatta radere io, — s'affrettò a intromettersi, sopravvenendo tutta scalmanata, donna Nela, la sorella dello sposo, grassa e impetuosa.

Recava sotto lo scialle alcune bottiglie, e parve, entrando, che ingombrasse tutta quanta la stanzuccia, con quell'abito di seta verde pisello, che frusciava come una fontana.

La seguiva il marito, magro come don Lisi, taciturno e imbronciato.

— Ho fatto male? — seguì quella, liberandosi dello scialle. — Deve dirlo la sposa. Dov'è? Guarda, Lisi: te lo dicevo io? Piange... Hai ragione, figliuola mia. Abbiamo troppo tardato. Colpa sua, di Lisi. "Me la rado? Non me la rado?" Due ore per risolversi. Di'un po', non ti sembra più giovane così? Con quei pelacci bianchi, il giorno delle nozze...

— Me la farò ricrescere, — disse Chirico interrompendo la sorella e guardando triste la giovane sposa. — Sembro vecchio lo stesso è, per giunta, più brutto.

— L'uomo è uomo, asinaccio, e non é nè bello né brutto! — sentenziò allora la sorella stizzita. — Guarda intanto: l'abito nuovo! Lo incigni adesso, peccato! —

E cominciò a dargli manacciate su le maniche per scuoterne via la la sfarinatura delle paste ch'egli reggeva ancora nei due cartocci.

Era già tardi; si doveva andar prima al Municipio, per non fare aspettar l'assessore, poi in chiesa; e il festino doveva esser finito prima di sera. Don Lisi, zelantissimo del suo ufficio, si raccomandava, tenuto su le spine specialmente dalla sorella intrigante e chiassona, massime dopo il pranzo e le abbondanti libazioni.

— Ci vogliono i suoni! S'è mai sentito uno sposalizio senza suoni? Dobbiamo ballare! Mandate per Sidoro l'orbo... Chitarre e mandolini!

Strillava tanto, che il fratello dovette chiamarsela in disparte.

— Smettila, Nela, smettila! Avresti dovuto capirlo che non voglio tanto chiasso.

La sorella gli sgranò in faccia due occhi così.

— Come? Anzi! Perchè?

Don Lisi aggrottò le ciglia e sospirò profondamente:

— Pensa che è appena un anno che quella poveretta...

— Ci pensi ancora davvero? — lo interruppe donna Nela con una sghignazzata. — Se stai riprendendo moglie! Oh povera Nunziata!

— Riprendo moglie, — disse don Lisi socchiudendo gli occhi e impallidendo, — ma non voglio nè suoni nè balli. Ho tutt'altro nel cuore.

E quando parve a lui che il giorno inchinasse al tramonto, pregò la suocera di disporre tutto per la partenza.

— Lo sapete, debbo sonare l'avemaria, lassù.

Prima di lasciar la casa, Marastella, aggrappata al collo della madre, scoppiò di nuovo a piangere, a piangere, che pareva non la volesse finir più. Non se la sentiva, non se la sentiva di andar lassù, sola con lui...

— T'accompagneremo tutti noi, non piangere, — la confortava la madre. — Non piangere, sciocchina!

Ma piangeva anche lei e piangevano anche tant'altre vicine.

— Partenza amara!

Solo donna Nela, la sorella del Chirico, più rubiconda che mai, non era commossa: diceva d'aver assistito a dodici sposalizii e che le lagrime alla fine, come i confetti, non erano mancate mai.

— Piange la figlia nel lasciare la madre; piange la madre nel lasciare la figlia. Si sa! Un altro bichierotto per sedare la commozione, e andiamo via, chè Lisi ha fretta.

Si misero in via. Pareva un mortorio, anzichè un corteo nuziale. E nel vederlo passare, la gente, affacciata alle

porte, alle finestre, o fermandosi per via, sospirava: — Povera sposa!

Lassù, sul breve spiazzo innanzi al cancello, gl'invitati si trattennero un poco, prima di prender commiato, a esortare Marastella a far buon animo. Il sole tramontava, e il cielo era tutto rosso, di fiamma, e il mare, sotto, ne pareva arroventato. Dal paese sottostante saliva un voci incessante, indistinto, come d'un tumulto lontano, e quelle onde di voci rissose vanivano contro il muro bianco, che cingeva il cimitero perduto lassù nel silenzio.

Le squillo aereo argentino della campanella sonata da don Lisi per annunziar l'*ave*, fu come il segnale della partenza per gli invitati. A tutti parve più bianco, udendo la campanella, quel muro del camposanto. Forse perchè l'aria s'era fatta più scura. Bisognava andar via per non far tardi. E tutti presero a licenziarsi, con molti augurii alla sposa.

Restarono con Marastella, stordita e gelata, la madre e due fra le più intime amiche. Su in alto, le nuvole, prima di fiamma, erano divenute ora fosche, come di fumo.

— Volete entrare? — disse don Lisi alle donne, dalla soglia del cancello. •

Ma subito Mamm'Anto' con una mano gli fece segno di star zitto e d'attendere. Marastella piangeva, scongiurandola tra le lagrime di riportarsela giù in paese con sè.

— Per carità! per carità!

Non gridava; glielo diceva così piano e con tanto tremore nella voce, che la povera mamma si sentiva strappare il cuore. Il tremore della figlia — lei lo capiva — era perchè dal cancello aveva intraveduto l'interno del camposanto, tutte quelle croci là, su cui calava l'ombra della sera.

Don Lisi andò ad accendere il lume nella cameretta, a sinistra dell'entrata; volse intorno unò sguardo per vedere se tutto era in ordine, e rimase un po' incerto se andare o aspettare che la sposa si lasciasse persuadere dalla madre a entrare.

Comprendeva e compativa. Aveva coscienza che la sua persona triste, invecchiata, imbruttita, non poteva ispi

rare alla sposa nè affetto nè confidenza: si sentiva anche lui il cuore pieno di lagrime.

Fino alla sera avanti s'era buttato ginocchioni a piangere come un bambino davanti a una crocetta di quel camposanto, per licenziarsi dalla sua prima moglie. Non doveva pensarci più. Ora sarebbe stato tutto di quest'altra, padre e marito insieme; ma le nuove cure per la sposa non gli avrebbero fatto trascurare quelle che da tant'anni si prendeva amorosamente di tutti coloro, amici o ignoti, che dormivano lassù sotto la sua custodia.

Lo aveva promesso a tutte le croci in quel giro notturno, la sera avanti.

Alla fine Marastella si lasciò persuadere a entrare. La madre chiuse subito la porta quasi per isolar la figlia nell'intimità della cameretta, lasciando fuori la paura del luogo. E veramente la vista degli oggetti familiari parve confortasse alquanto Marastella.

— Su, lèvati lo scialle, — disse Mamm'Anto'. — Aspetta, te lo levo io. Ora sei a casa tua...

— La padrona, — aggiunse don Lisi, timidamente, con un sorriso mesto e affettuoso.

— Lo senti? — riprese Mamm'Anto' per incitare il genero a parlare ancora.

— Padrona mia e di tutto, — continuò don Lisi. — Lei deve già saperlo. Avrà qui uno che la rispetterà e le vorrà bene come la sua stessa mamma. E non deve aver paura di niente.

— Di niente, di niente, si sa! — incalzò la madre — che è forse una bambina più? Chè paura! Le comincerà tanto da fare, adesso... E' vero? E' vero?

Marastella chinò più volte il capo, affermando; ma appena Mamm'Anto' e le due vicine si mossero per andar via, ruppe di nuovo in pianto, si buttò di nuovo al collo della madre, aggrappandosi. Questa, con dolce violenza si sciolse dalle braccia della figlia, le fece le ultime raccomanda-

zioni d'aver fiducia nello sposo e in Dio, e andò via con le vicine piangendo anche lei.

Marastella restò presso la porta, che la madre, uscendo, aveva raccostata, e con le mani sul volto si sforzava di soffocare i singhiozzi irrompenti, quando un alito d'aria schiuse un poco, silenziosamente, quella porta.

Ancora con le mani sul volto, ella non se n'accorse: le parve invece che tutt'a un tratto — chi sa perchè — le si aprisse dentro come un vuoto delizioso, di sogno; sentì un lontano, tremulo scampanello di grilli, una fresca inebriante fragranza di fiori. Si tolse le mani dagli occhi: intravide nel cimitero un chiarore, più che d'alba, che pareva incantasse ogni cosa, là immobile e precisa.

Don Lisi accorse per richiudere la porta. Ma, subito, allora, Marastella, rabbrivendo e restringendosi nell'angolo tra la porta e il muro, gli gridò:

— Per carità, non mi toccate!

Don Lisi, ferito da quel moto istintivo di ribrezzo, restò.

— Non ti toccavo, — disse. — Volevo richiudere la porta.

— No, no, — riprese subito Marastella, per tenerlo lontano. — Lasciatela pure aperta. Non ho paura!

— E allora?... — balbettò don Lisi, sentendosi cader le braccia.

Nel silenzio, attraverso la porta semichiusa, giunse il canto lontano d'un contadino che ritornava spensierato alla campagna, lassù, sotto la luna, nella frescura tutta impregnata dell'odore del fieno verde, falciato da poco.

— Se vuoi che passi, — riprese don Lisi avvilito, profondamente amareggiato, — vado a richiudere il cancello che è rimasto aperto.

Marastella non si mosse dall'angolo in cui s'era ristretta. Lisi Chirico si recò lentamente a richiudere il cancello; stava per rientrare, quando se la vide venire incontro, come impazzita tutt'a un tratto.

— Dov'è, dov'è mio padre? Ditemelo! Voglio andare da mio padre.

— Eccomi, perchè no? è giusto; ti ci conduco, — le rispose egli cupamente. — Ogni sera, io faccio il giro prima d'andare a letto. Obbligo mio. Questa sera non lo facevo per te. Andiamo. Non c'è bisogno di lanternino. C'è la lanterna del cielo.

E andarono per i vialetti inghiajati, tra le siepi di spigo fiorite.

Spiccavano bianche tutt'intorno, nel lume della luna, le tombe gentilizie e nere per terra, con la loro ombra da un lato come a giacere, le croci di ferro dei poveri.

Più distinto, più chiaro, veniva dalle campagne vicine il tremulo canto dei grilli e, da lontano, il borboglio continuo del mare.

— Qua, — disse il Chirico, indicando una bassa, rustica tomba, su cui era murata una lapide che ricordava il naufragio e le tre vittime del dovere. — C'è anche lo Sparti, — aggiunse, vedendo cader Marastella in ginocchio innanzi alla tomba, singhiozzante. — Tu piatigi qua... Io andrò più là; non è lontano...

La luna guardava dal cielo il piccolo camposanto su l'altipiano. Lei sola vide quelle due ombre nere su la ghiaja gialla d'un vialetto presso due tombe, in quella dolce notte d'aprile.

Don Lisi, chino su la fossa della prima moglie, singhiozzava:

— Nunzia', Nunzia', mi senti?

LUIGI PIRANDELLO



# Os beneficios das sancções *Lanital*

Não se póde dizer que as sancções não serviram para nada. Talvez não tiveram os resultados que os sancionistas esperavam, mas, pelo menos para a Italia, sua utilidade não póde ser posta em duvida. Por merito dellas os italianos adquiriram, além de incalculaveis beneficios moraes, tambem a certeza de bastar-se a si proprios. Sciencia technica, espirito inventivo, juntos com o maravilhoso renascimento do espirito unitario creado pelo Fascismo, permittiram que os italianos alcansassem resultados de tal importancia, a ponto de resolver problemas economicos e industriaes que até hoje pareciam insoluveis.

Entre estes, o mais conhecido e o mais surprehendente foi aquelle da invenção da lã synthetica, extrahida da caseina.

Si alguem, ha um ou dois annos, viesse contar-nos que a lã se podia extrahir tambem do leite, nós pensariamos estar na presença de um desequilibrado. E' verdade que a chimica nos tem habituado a todas as maravilhas; mas as duas materias estavam ainda tão distantes na nossa imaginação, que não, podiamos ver nenhuma ligação entre ellas. E ao envez, a ligação existe; e si não é sufficiente a nossa imaginação para nol-a fazer ver, basta a realidade que se offerece sob a fórma de flocos de lã synthetica, com o nome aural de *Lanital*.

Merito das sancções, sem duvida. As pesquisas continuavam já durante annos, é verdade; mas só a tentativa de assedio economico podia nos conduzir a resultados tão completos e positivos. E isso o sabe melhor do que qualquer outro o inventor, engenheiro Ferretti, que talvez não tivesse conseguido tornar realidade o seu sonho, si não tivesse sido posta á sua disposição a imponente apparelhagem scientifica e industrial da Snia — Viscosa de Turim, talvez o maior dos estabelecimentos de tecidos artificiaes da Europa.

A importancia dessa prodigiosa victoria do espirito inventivo italiano é de incalculavel alcance. Sabe-se que a Italia sempre

foi um paiz pobre em lã natural. A sua producção annual não alcançava os 10 milhões de kilos, de frente a um consumo de cerca de 50 milhões de kilos, importados na maior parte da Australia, Argentina e Africa do Sul.

E por ironia da sorte foram justamente esses paizes que se mostraram os mais zelosos mantenedores do insensato plano de assediô economico á Italia. Por seu merito, agora a Italia economiza, por anno, centenas de milhões de liras da importação de lã, cahindo naturalmente sobre estes paizes a perda correspondente.

\* \* \*

A parentela chimica entre as duas materias é já conhecida: trata-se em ultima analyse de tomar adeantadamente as substancias de que o carneiro se serve para produzir a sua lã. Ao envez de tomal-as nas costas, por meio da tonsura, tira-se do seu ventre, em forma de leite, pela ordenha.

A caseina necessaria para a preparação da lã se produz com processos especiaes, fazendo-a precipitar do leite magro, depois da eliminção da nata utilizada para o fabrico da manteiga. Depois, por processos chimicos naturalmente ainda secretos, se produz uma massa viscosa que sãe através finissimos furos em fórma de fios. Esses fios, submettidos a uma série de operações mechanicas, se transformam em poucos instantes em flocos de lã, promptos para ser utilizados na tecelagem.

Todas as experiencias feitas até agora em confronto com a lã natural demonstraram a absoluta perfeição do *Lanital* que em tudo pôde competir com as melhores qualidades de lã hoje conhecidas. Tanto que a *Snia Viscosa* já começou a grande producção que, augmentando de mez em mez, chegou a alcançar 5 mil kilos por dia.

Mas tambem isso não é sinão o começo: pois para o anno proximo a producção do *Lanital* já é calculada em cerca de 20 mil kilos por dia, o que permittirá á Italia não só prover a todo o consumo interno como tambem destinar uma parte delle á exportação.

# LA XX BIENNALE DI VENEZIA

A grande exposição internacional de arte contemporanea, que se realiza de dois em dois annos em Venezia, foi reaberta este anno em uma atmosphaera do mais vivo entusiasmo.

A primeira vez que foi inaugurada, em 1895, se celebravam as bodas de prata do Rei Umberto com a Rainha Margherita: este anno a solennidade foi tambem mais iimportante, porque se festejava o fim de uma guerra victoriosa, a reconstituição do Imperio e, na pessoa do Rei Vittorio Emanuele, o novo Imperador da Ethiopia.

A *Serenissima* soube, como sempre, offerecer um quadro de insuperavel belleza á multidão de artistas o visitantes, chegados para a occasião e para a imminente estação do Lido, de toda parte do mundo.

Não obstante as sancções, a participação dos Estados estrangeiros foi tambem este anno muito grande. E até alguns Estados, como a Alemanha, a Austria e a França, não tinham nunca participado tão largamente á *Biennale*. Todos os dezenove pavilhões, que pertencem a todas as nações do mundo que têm una palavra a dizer na arte contemporanea, estão enriquecidos de obras insignes de toda escola e de toda tendencia.



IL PADIGLIONE ITALIANO



LA MADONNA DEL BAMBINO  
*Quadro del pittore futurista Gherardo Dottori*

Os tres paizes que por razões administrativas não puderam participar oficialmente da Exposição, isto é, a Russia, os Estados Unidos e a Inglaterra, tiveram o cuidado de se fazer representar directamente pelos artistas, auxiliando-os através suas representações diplomaticas.

A arte italiana se apresentou com uma physionomia decididamente joven. O lema *targo ai giovani* teve manifesta influencia no ordenamento da Exposição. O esculptor Maraini, ordenador da *Biennale*, teve o grande merito de escancarar as portas aos jovens artistas, com uma serie de iniciativas verdadeiramente originaes e fecundas de optimos resultados.

A idéa, por exemplo, de reservar uma sala para frescos, foi entre as mais felizes. Aberto um concurso entre os jovens pintores de idade não superior a 35 annos, pela execução de dez frescos, chegaram ao jury mais de 160 esboços de valor, constituindo unico embaraço a escolha. Conjuntamente com os pintores, tambem oito jovens esculptores foram escolhidos para completar com suas estatuas a decoração do salão.

Assim, graças a essa feliz iniciativa, a grande arte dos frescos, que se pode dizer morta em todos os outros paizes, ressurge e torna em plena honra justamente naquela Italia que soube eleval-a, nos seculos de ouro do Renascimento, ás culminancias de sua gloria. Veneza, berço da arte de



LA PRINCIPESSA RUSPOLI  
(SCULTORE A. BERTI)



FRANCESCO MESSINA: *RITRATTO*

Tiziano, de Veronese, de Tintoreto e de Tiepelo, volta assim á sua missão de inspiradora da grande pintura mural, gloria immorredoura da mais illustre tradição da arte italiana.

Tambem nesta *Biennale* algumas salas foram reservadas a artistas de maior fama, enquanto que amplas paredes são destinadas á exposição de grupos de obras de artistas de reconhecido valor. As *mostre personali* deste anno são para o academico d'Italia Ettore Tito e para Luigi Chessa, nobilissima figura de pintor, morto este anno no idade de 37 annos. Ao lado desses dois ar-

tistas, receberam honras especiaes as obras de Ferruccio Ferrazzi, Carlo Carrà, Gino Severini e o academico Felice Carena.

Uma sala foi reservada á vivaz escola dos futuristas; uma outra para o desenho colonial; uma terceira para o branco e preto. Finalmente, uma das salas maiores apresenta um grande fresco de Bepi Lavagna, representando o mappa do Imperio com uma cabeça em bronze do Duce.

Duas exhibições especiaes e novas para a *Biennale* completam opanorama dessa excepcional manifestação de arte: a primeira é a das obras dos artistas estrangeiros residentes na Italia; a segunda a exposição do livro de arte á qual tambem participaram obras de grande valor da França.



GUIDO TRENTINI: *DIANA*



# Noticiario

## CHRONICAS DE ROMA E DO IMPERIO

ROMA — *Colônias estivaes para os filhos de italianos no estrangeiro.*

Começam a chegar os primeiros grupos dos filhos de italianos do estrangeiro, que tomarão parte nas "*Colônias marítimas e montanhosas*", organizadas para elles em algumas das mais bellas estações climaticas da Peninsula.

Este anno as "*Colônias estivais*" acolherão 15 mil jovens provenientes das collectividades italianas, residentes em 15 Estados da Europa e, além desses, os dos Estados Unidos, da Africa do Sul, do Senegal, do Egypto, da Algeria, Tunisia e Syria.

Os filhos de italianos ficarão, como de costume, cerca de um mez na Italia, gosando esse periodo de ferias nas montanhas — aquelles que vieram de cidades marítimas, e no mar, os provenientes de cidades interiores.

No fim desse periodo será iniciado o Campo Mussolini, que reunirá este anno 4.000 avanguardistas italianos. Participarão no Campo tambem 300 filhos de italianos da America do Norte, pertencentes ás escolas parochias, 50 jovens da juventude catholica da Belgica, 10 estudantes filandezes, 50 jovens hitlerianos e, pela primeira vez, os alumnos do Collegio Jesuita de Bagdad e outros provenientes do Irak.

\* \* \*

ROMA — *Estudantes americanos na Italia.*

Chegaram a Roma 75 estudantes das Universidades da America do Norte que, por convite do governo italiano, visitarão a Italia como premio de boa classificação obtida por elles no estudo da lingua e literatura italianas.

\* \* \*

ROMA — *As grandes obras em execução.*

Além dos grandes trabalhos que estão quasi terminados na *Via del Mare* sob as encostas do Campidolio, no novo *Corso del Rina-*

scimento, que liga a igreja de Sant'Andréa della Valle ao Palacio da Justiça, e no isolamento do Mausoléc do Imperador Augusto, foram concluidos tambem os accordos entre s. excia. Bottai, governador de Roma, e o governador da Cidade do Vaticano, para a sythematzão da zona chamada dos *Borghi*, que fica antes da Praça de S. Pedro.

Trata-se de uma mole de demolições e reconstrucções verdadeiramente imponente, que importará uma despesa de mais de 200 milhões de liras. O projecto, devido aos architectos Piacentini e Spaccarelli, assegurará assim ao maximo templo da christandade um accesso solenne digno das glorias de Roma e da Igreja.

No dia 28 de outubro proximo será, além disso, inaugurado o novo Parques Publico nas encostas do Monte Mario, que disporá tambem de um grande campo esportivo.

\* \* \*

#### MASSAUA — *Escolas para a nova Erythréa.*

Estão sendo construidas 40 escolas para 5 mil alumnos no territorio da nova Erythréa, que, como se sabe, comprehende tambem as provincias recentemente conquistadas no norte da Ethiopia.

Em Asmara já foi inaugurado, além disso, o Instituto para os orphãos dos askaris cahidos na guerra. E em Adua, além das escolas para os meninos, foram abertos cursos para os notaveis indigenas e uma escola de artes e profissões, egual áquella de Axum, reservada ás moças indigenas.

\* \* \*

#### ADDIS-ABEBA — *Organização escolar.*

Emquanto já funcçãoam as primeiras escolas para os indigenas, para o dia primeiro de outubro está marcado o plano de organização escolar extensivo a todo o territorio do Imperio.

São centenas de escolas em curso de construcção que deverão ser inauguradas naquella data. Em todas as escolas será ensinada, além da lingua italiana, a lingua local. Integrará os cursos elementares tambem o ensino profissional de agricultura e artesanato.

Em Addis-Abeba surgirão tambem dois internatos, sendo um delles reservado aos indigenas.

\* \* \*

#### ADDIS-ABEBA — *O leprosario da "Ordine di Malta".*

O Duce approvou o projecto de construcção de um grande leprosario, que se erguerá perto de Adua, aos cuidados da "Ordine di Malta".

Com essa generosa iniciativa, a "Sovrano Ordine di Malta", presidida por S.A. o Gran Maestro príncipe Ludovico Chigi Albani,

confirma as suas antigas tradições hospitaleiras que, do tempo das Cruzadas, com a construção do Hospital de Jerusalém, no anno 1070, não foram nunca interrompidas.

O Leprosario de Adua poderá abrigar 500 leprosos e terá além disso uma vastissima colonia agricola para os doentes aptos a trabalhar.

\* \* \*

MILÃO — *O livro sobre a guerra do Marechal Badoglio.*

Está no prelo da Editora Mondadori o livro do Marechal Badoglio sobre a empresa africana. Inutil accrescentar quanto seja viva a expectativa em toda parte do mundo por essa publicação de excepcional valor.

Por iniciativa do mesmo editor apparecerão ainda outros tres livros sobre a guerra ethiopica, devidos a tres jornalistas italianos, e uma grande publicação official, realizada com a collaboração dos tres Ministerios militares da Italia.

\* \* \*

ADDIS-ABEBA — *Organização da defesa aerea.*

Além dos campos de aviação já existentes, serão inaugurados brevemente outros oito campos em diversas partes do Imperio. O commando da policia aerea será localizado na Capital, onde permanecerão as reservas de aeroplanos para o transporte de tropas em caso de necessidade. ●

Em toda a Ethiopia ficarão 300 aparelhos. Aos 200 já existentes serão accrescentados outros 100 de typo especial para o transporte de tropas. Estes terão uma velocidade de 400 kilometros, e poderão transportar num dia 2.500 homens e respectivos abastecimentos a qualquer parte do Imperio.

\* \* \*

MASSAUA — *Inauguração da linha maritima imperial.*

Já foi realizada a primeira viagem com 500 passageiros do navio *Semien*, que com o *Tembien*, *Goggiam* e *Ogaden* constituem o primeiro grupo de navios destinados á linha imperial Genova-Massaua.

\* \* \*

ROMA — *O estado de saude das tropas na Ethiopia.*

Na relação apresentada pelo senador Castellani, alto commissario medico da A.O., resulta que o estado sanitario das nossas tropas continua a ser excellente. E que, emquanto em outras guerras coloniaes as epidemias foram frequentissimas (só na campanha do Transwaal os inglezes tiveram 75 mil doentes de typho), na cam-

panha abyssinia não se verificou um unico caso fatal em consequencia de doenças epidemicas.

\* \* \*

ADDIS-ABEBA — *A obra do Fascio Feminino.*

Depois da inauguração do Fascio Feminino de Addis-Abeba, mais de quarenta senhoras e senhorinhas pertencentes ás melhores familias abyssinias já iniciaram seu trabalho no campo da assistencia aos pobres e do amparo á maternidade e á infancia.

O Fascio Feminino da capital foi dedicado á memoria da senhora Lidia Rocca Maffioli, morta com o marido no massacre da fabrica de Gondrañ.

### CHRONICAS ARTISTICAS

SABAUDIA. *Exposição de arte do Agro Pontino.*

Conjunctamente com o *Premio litterario Sabaudia*, de que falamos e que revelou a existencia de um novo escriptor, teve lugar nessa novissima cidade, que conta tres annos de vida, a primeira Exposição de arte do Agro Pontino.

O numero dos artistas que nella participaram foi assaz notavel: pintores e esculptores já conhecidos na Italia quizeram, com sympathica camaradagem, competir com jovens artistas que expunham pela primeira vez.

O successo foi completo, quer pelo numero dos visitantes, chegados especialmente de Roma, quer pelas vendas de obras de arte.

\* \* \*

ROMA. *Exposição do brinquedo italiano.*

Foi inaugurada em Roma, nos *Mercati Traianei*, a VI Exposição do brinquedo italiano, á qual participaram todas as industrias que se dedicam á producção de brinquedo.

Especialmente admirados, pela sua variedade e praticidade, foram os brinquedos mechanicos devidos á industria milaneza, os graciosissimos bonecos de madeira de Val Gardena, as bonecas de porcelana de Torino, Florença, Roma e Milão.

O Comité Organizador promoveu uma collecta de brinquedos para serem offerecidos aos filhos dos nossos combatentes na A. O.

\* \* \*

NAPOLLES. *A Feira do livro catholico.*

Inaugurada pelo Cardial Ascalesi, Arce-bispo de Napolles, foi aberta a Feira do Livro Catholico no claustro da Igreja de Santa Clara.

A Feira, a que participam todos os editores catholicos da Italia, reune, além de uma vastissima producção moderna, tambem algumas preciosas edições do passado.

\* \* \*

● **PARIS.** *Exposição dos artistas italianos.*

Foi inaugurada, no palacio da Permanente em Paris, a Exposição dos artistas italianos residentes na França.

As obras, em numero de 138, estão expostas em suas salas. Ellas representam o trabalho de mais de quarenta artistas italianos, alguns entre os de renome e que, embora vivendo fóra da Italia, desejam continuar fieis á tendencia e ás organizações artisticas italianas.

\* \* \*

**LOSANNA.** *Mensagem de homenagem ao Duce.*

Ao celebrar-se o primeiro centenario da Universidade de Losanna, o Senado Academico decidiu enviar uma mensagem a Benito Mussolini, que foi estudante em Losanna, declarando-o como o maior genio politico dos tempos actuaes.

\* \* \*

**MILÃO.** *Uma nova revista cinematographica.*

O editor Hóepli já poz em circulação o primeiro numero da nova revista quinzenal: *Lo schermo*, dirigida por Luciano De Feo, director do Instituto Interpacional de Cinematographia Educativa.

O mesmo editor assumiu, por convite da Direcção Geral do Ministerio de Imprensa e Propaganda, a publicação da revista mensal *Cinema*, que continua a ser dirigida por Lando Ferretti.

O comité directivo, presidido por Luigi Freddi, director geral da cinematographia, e pelo Ministro Paolucci de Calboli Barone, Presidente da *Luce*, dará unidade de direcção ás duas revistas.

\* \* \*

**BUCAREST.** *Manifestações e romanidade.*

O Comité rumeno *Caur* deliberou fazer erigir na praça principal da capital uma copia fiel da Columna Trajana, que, como se sabe, recorda a conquista da Dacia, hoje Rumania, e um busto do Imperador Trajano, executado por um artista italiano.

\* \* \*

**ROMA.** *Premios para os artigos de propaganda turistica.*

Na indicação dos premios para melhores artigos de propaganda turistica publicados no estrangeiro, a Commissão encarregada decidiu não conferir este anno o primeiro premio que é de dez mil liras.

A somma foi pois dividida em premios menores, que de quatro ficaram sendo sete.

Recebeu o premio de 5.000 liras, Lisa Sergio com um artigo publicano no *Washington Post*; e os de 3.000, Giovanni Cenzato, com um artigo da revista hespanhola *Blanco y negro*, e outros jornalistas por artigos publicados na imprensa franceza e allemã.

\* \* \*

FLORENÇA. O "*Premio Firenze a Ada Negri*."

Com solenne cerimonia, na presença de todas as autoridades cidadinas, teve logar, a *Palazzo Vecchio*, a entrega do *Premio Firenze* á illustre poetisa Ada Negri pelo seu recente volume *Il dono*.

\* \* \*

VERONA. *Temporada lyrica na Arena*.

Teve inicio a grande temporada lyrica que todo anno se realiza ao ar livre no amphitheatro romano de Verona.

As obras em execução são *Aida*, *Othelo*, *Elixir de amôr*.

A direcção está confiada ao maestro Tullio Serafin.

\* \* \*

BERLIM. "*La Fiamma de Respighi no Theatro da Opera*."

Com o maior successo e na presença da viuva do illustre compositor recentemente desaparecido, teve logar no Theatro da Opera de Berlim a primeira representação de *La Fiamma* de Ottorino Respighi.

A critica se exprimiu de forma entusiastica a respeito dessa obra prima que considera entre as mais altas produzidas neste seculo.

\* \* \*

SANTIAGO. O *prof. Putti doctor "honoris causa"*.

O prof. Putti, convidado pela Universidade do Chile a fazer um curso de conferencias, foi nomeado doctor "honoris causa" uma solenne reunião da Faculdade de Medicina.

\* \* \*

MILÃO. *Uma nova sala de concertos*.

O municipio deliberou a construcção de uma nova grande sala de concertos (Auditorim) que se erguirá junto ao Parque e poderá conter um publico de mais de 5.000 espectadores.

\* \* \*

NOVA YORK. A *opera "Dibuk" do maestro Rocca*.

Depois das representações de Detroit, foi representada com

pleno successo no Metropolitan de Nova York a obra do maestro piemontez Lodovico Rocca, com libreto de Renato Simoni.

\* \* \*

**POMPEIA.** *Espectaculos de danza no theatro romano.*

Ao ensejo das celebrações napoletanas que terão lugar entre setembro e outubro, no Theatro romano de Pompeia serão executados espectaculos de danza classica sob a direcção de Jia Ruskaia.

Será tambem representada uma das mais conhecidas comedias de Plauto.

\* \* \*

**NOTO.** *Opera ao ar livre.*

Pela primeira vez a pequena cidade de Noto começa este anno seus espectaculos de opera no suggestivo theatro romano.

As operas escolhidas são a *Turandot* e *Un ballo in maschera*.

\* \* \*

**TURIM.** *O novo theatro de opera.*

Em substituição ao Theatro Regio, incendiado o anno passado, o municipio deliberou a construcção de um novo grandioso theatro para cinco mil espectadores.

\* \* \*

**ROMA.** *Producções cinematographicas.*

Emquanto continua com rythmo acelerado a construcção da cidade cinematographica, que ficará prompta no proximo anno, prosegue intensamente a producção de filmes nacionaes nos varios estabelecimentos da capital.

Entre os filmes de maior interesse presentemente em preparo, deve-se lembrar: *Il Re di Danari*, producção da Caesar Film, dirigida por Guazzoni; *Mad*, di Guido Cantini, dirigida por Matarazzo; *Squadrone Bianco*, produzida pela Roma Film, direcção de Augusto Genina e musica de Antonio Veretti. Filme de grandes proporções, este ultimo, que se desenvolve num deserto libico e tem como artistas Luisa Ferida, a jovem estrella bolonheza, a mais recente revelação do cinema italiano.

Estão ainda em preparo, nas Cines, *Cavalleria*, dirigida por G. Alessandrini e *Sette giorni all'altro mondo*, dirigida por Mattoli.

Annuncia-se para breve o preparo de um film sobre a vida de *Santa Caterina da Siena*, com scenario de *Giovanni Papini*, e de outros dois filmes, *Le Bande nere* e *Scipione l'Africano*, produzidas em consorcio com companhias allemãs.

LIMA — *Exposição de Tommaso Cascella.*

Foi inaugurada com a presença das autoridades peruanas a exposição das obras mais recentes do grande pintor italiano Tommaso Cascella, festejado pela critica como um dos mestres da pintura europeia.

\* \* \*

VENEZA — *Espectaculos goldonianos.*

Foram iniciados no Campo de San Luca, isto é, em uma das mais suggestivas praças de Veneza, as representações das comédias de Goldoni *Baruffe Chiozzotte* e *Ventaglio* com a participação de Ermete Zacconi. Os espectaculos são dirigidos pelo conhecidissimo critico theatral do *Corriere della Sera* Renato Simoni.

\* \* \*

ROMA — *Concertos na Basilica de Massenzio.*

Como nos annos anteriores, foram iniciados este mez os concertos ao ar livre no innegualavel scenario offerecido pela Basilica de Massenzio na *Via dell'Impero*.

Tambem este anno a direcção dos concertos foi confiada ao maestro Molinari.

\* \* \*

ROMA — *Duas novas composições do maestro Perosi.*

Na presença de S. S. o Papa e ao ensejo do inicio do seu octogesimo anno existencia, o maestro Perosi dirigiu em S. Pedro duas novas composições musicaes: *Oremos pro Pontifice* e *Ad Multos Annos* que confirmaram ainda uma vez a inestinguivel veia e a prodigiosa potencia creadora do grande compositor.

## AS CONQUISTAS DA SCIENCIA E DA TECHNICA

PADOVA — *O novo metal "Xantal".*

Na Feira de mostras foi exposta uma grande estatua fundida com o novo metal de criação italiana chamado *Xantal*.

Trata-se de uma liga de bronze e alluminio que deveria substituir o estanho que falta quasi totalmente á Italia. O novo metal possui todas as caracteristicas dos melhores aços e se presta magnificamente para a fabricação de todas as peças que devem supportar attrito.

\* \* \*

ROMA — *O novo carburante "Robur".*

O novo carburante italiano, produzido pela mistura de espiritos extrahidos de beterraba, fructas, arroz, batatas, deu já resultados

[37]

tão satisfatórios que o Ministerio da Guerra decidiu adoptal-o para todos os vehiculos militares.

A produção do *Robur* que, em 1932, era de 270 mil litros, alcançou quatro milhões de litros em 1935 e superou os 5 milhões nos primeiros cinco mezes do anno corrente.

\* \* \*

#### ORBETELLO — *Novos records mundiaes.*

Os capitães Stoppani e Novelli acabam de bater uma serie de records internacionaes a bordo de um avião tri-motor no circuito Orbetello-Livorno.

Foram batidos os records de velocidade sobre 2 mil kilometros sem carga útil, com carga de 2 mil kilogrammas e com cargas de 1.500, com media de 307 kilometros.

Com apparelho de turismo o cap. Zappeta bateu, com velocidade media de 310 kilometros, o record mundial dos apparelhos ligeros sobre 1.000 kilometros.

\* \* \*

#### GUIDONIA — *Esquadrilha estratospherica.*

A esquadrilha estratospherica de Guidonia, commandada pelo cel. Pezzi, alcançou já nos seus vôos os 14 mil metros de altura. A altura minima para os aviadores estratosphericos é 10 mil metros, que deve ser alcançada por cada um destes pelo menos uma vez por mez.

No proximo outubro, o commandante da esquadrilha conta alcançar a altura de 16 mil metros.

\* \* \*

#### NAPOLIS — *Os novos trens aerodynânicos.*

Entraram em circulação, na linha Napoles-Bolonha, os novos trens electricos, que alcançam a velocidade de 170 kilometros hora-rios e cobrem o percurso, que é de mais de 600 kilometros, em 6 horas.

\* \* \*

#### SAN REMO — *A maior funicular do mundo.*

A 28 de outubro, anniversario da Marcha sobre Roma, será inaugurada a maior funicular do mundo. Tem um percurso de 8 kilometros e tres estações, das quaes uma á altura de 1.500 metros, e 18 torres de aço altas 35 metros.

# Bibliographia

## LETRAS E ARTES

A. S. NOVARO: *La madre di Gesù*. Mondadori, Milano, 1935, L. 12

(1) ultimo, talvez o mais bello dos poemas escriptos pelo illustre poeta, academico d'Italia. Variado nos metros e rythmos, o poema mantém, todavia, do primeiro ao ultimo verso, completa homogeneidade de inspiração e de elevação lyrica. E' o drama da Madonna, da mãe que dia a dia sente sempre mais viva a separação da sua divina creatura: que mais se elevava na gloria e mais se transformava na sua missão, em irmão de todos aquelles que vivem na terra, todos filhos de Deus. O senso da natureza, que é vivissimo em todas as poesias de A. S. Novaro, deu a todo o poema fundos e atmosphaera de belleza e de superior lyrismo.

GUGLIEMO LO CURCIO: *La poesia di Luigi Pirandello*. Palermo, Trimarchi, 1935. L. 8

Famoso como comediographo, menos conhecido como novelista e romancista, quasi desconhecido como poeta: esse tem sido até agora o destino de Pirandello. Esquecidas ou quasi as suas primeiras obras, toda a sua gloria já se concentra nas suas obras theatraes. Lo Curcio quiz apprehender o estudo das suas obras poeticas, que remontam á mocidade do grande escriptor. E torna a examinar *Mal giocondo*, primeiro livro de versos publicado por Pirandello na idade de 22 annos; *Pasqua di Gea* e as *Elegie romane*; e finalmente *Fuori di chiave*, que é o ultimo livro de versos.

Errou a critica do tempo não tomando conhecimento dessas obras poeticas, aurora do genio de Pirandello? Parece que não. Tambem Lo Curcio acha que, por quanto essés volumes revelassem uma authentica voz de poeta, todavia não souberam nunca elevar-se ás alturas da grande lyrica.

NICOLA FESTA: *Umanesimo*. Milano, Hoepli, 1935. L. 12

Faz parte de uma nova collecção, iniciada pelo grande editor

milanez com um vastissimo programma que abraça quasi todo o campo do saber da arte á physica, da physiologia ao cinematographo.

Nicola Festa desenvolveu o thema do Humanismo com aquella competencia, diligencia e agudeza que lhe são proprias. O seu volume, com todas as suas qualidades de clara e agradável leitura, mantém todos os caracteres da seriedade e da precisão scientifica, e consegue vivificar as grandes figuras que viveram e tiveram glorias naquelle inesquecível periodo da historia da Italia e da Europa.

PERICLE DUCATI: *La scultura greca*. Firenze, Nemi, 1935. L. 12.

O illustre archeologo limita a sua exposição ao periodo archaico da escultura grega. O volume faz parte da *Enciclopedia Monographica Nemi*, que apresenta já outros volumes sobre os tempos aureos da escultura grega. A parte reservada a Ducati era, pois, das menos facéis e attrahentes: mas a sua habilidade de escriptor lhe permittiu realizar uma obra que se torna attrahente e instructiva para qualquer leitor.

M. BENNONE AURELI: *I marmorari romani*. Roma, Albrighi e Segati. 1935. L. 40

Obra ricamente illustrada com 40 quadros e precedida de um bello prefacio de Roberto Paribeni, academico d'Italia e antigo director das Bellas Artes.

O estudo dessa escola de marmoreiros romanos, isto é, dos Cosmati, que trabalharam em tantas partes da Italia no seculo XII, decorando com seus trabalhos em marmore as igrejas e especialmente as de Roma, não se póde dizer seja ao todo novo. Mas a distincta autora, retomando o interessante argumento, resume de maneira agradável os estudos feitos precedentemente, e os completa com novas pesquisas e com material mais recente.

CESARE MARIA DE VECCHI DI VAL CISMON: *Orizzonti d'Impero*. Milano, Mondadori, 1935. L. 25.

O Conde De Vecchi di Val Cismon, quadrumviro da Marcha sobre Roma e actualmente ministro da Educação Nacional, descreve nesse volume a obra fecunda por elle realizada na Somalia nos cinco annos em que lá esteve como governador.

O volume é ricamente illustrado (119 quadros e 6 mappas geographicos) e contém paginas de verdadeiro interesse, cheias de actualidade. Toda a organização commercial e militar, realizada no seu governo, (tambem as bellas milicias regulares somalas, os *dubat* são obra sua) está descripta com a arte e com o calor proprios dessa grande figura da Italia fascista.

CESARE AMBROGETTI: *I fratelli Filzi*. Firenze, Vallecchi, 1935. L. 15

"E' um livro que merece a mais ampla diffusão" disse Beni-

to Mussolini no prefacio que redigiu para essa obra de profundo significado para todos os italianos.

Historia de gloria e de paixão de uma das mais heroicas familias italianas. Fabio, Fausto, Mario e Ezio Filzi: estirpè de heroes, digna das mais bellas tradições do Resurgimento. Subditos austriacos, dois delles conseguem arrolar-se voluntarios no exercito italiano: e dois foram aprisionados na Austria, como suspeitos de italianidade. Fabio, companheiro de lucta de Battisti, soffre como elle o martyrio: Fausto morre na guerra, major do exercito italiano: Ezio e Mario prestam da Austria preciosos serviços de informação ao nosso exercito.

GIOVANNI COMISSO: *Avventure terrene*. Firenze, Vallecchi, 1935. L. 10

Giovanni Comisso já se assegurou, ha alguns annos, um bom lugar na litteratura italiana. Revelou-se com o volume *Al vento dell Adriatico*: venceu o *Premio Bagutta* em 1929. E de anno a anno, com suas brilhantes correspondencias jornalisticas e com alguns exquisitos volumes de prosa narrativa, veio consolidando sua notoriedade e enriquecendo sua arte com fórmas mais elevadas e accentos sempre mais novos.

Esse seu recente volume é composto de uma serie de contos que interessam vivamente o leitor, mais do que os factos, que são em geral assaz tenuous, pela requinta pericia e rica veia de imagens que tornam Comisso um dos prosadores mais poeticos da Italia.

GIACOMO LEOPARDI: *Epistolario*, a cura di Francesco Moroncini. Vol. III. Firenze, Le Monnier, 1936. L. 25.

Terceiro volume dos seis de que se comporá a nova excellente edição do epistolario leopardiano, cuidada com tanto amor pelo chorado Moroncini, cujo recente fim commoveu profundamente quantos tinham seguido o progresso dos seus estudos e a fecundidade do seu trabalho.

A obra será completada no proximo anno, em que transcorre o primeiro centennario da morte do Poeta. E é preciso reconhecer que não se podia elevar monumento mais digno á sua memoria.

EGON CORTI: *L'imperatrice Elisabetta*. Milano, Mondadori, 1935. L. 18

Esse volume faz parte da conhecida collecção Mondadori "*Le scie*". O autor, servindo-se de amplo e precioso material documentario, vindo ás suas mãos pela sua posição social (o Conde Corti, de origem italiana, pertence á grande nobreza austriaca) soube traçar a mais interessante biographia da infeliz imperatriz, desaparecida na tragedia de Genebra. Riquissimo o numero de anedotas dos bastidores historicos e diplomaticos, completado por um extraordinario material illustrativo, na sua maioria inedito.

## VARIAS

**CHI E'?** *Dizionario degli Italiani d'oggi*. III Edizione. Roma, Formiggini, 1936. L. 60..

Publicando essa terceira edição do seu bem sucedido Dicionário biographico, o editor adverte que de hoje em diante o *Chi é?* apparecerá de anno em anno renovado. Desapparecerão regularmente das suas columnas os mortos e os esquecidos: e no seu lugar entrarão os nomes das notoriedades mais recentes e mais meritorias.

O *CHI E'?* é obra tão conhecida que não precisa de apresentação. Como manual de consulta tornou-se, pôde-se dizer desde o seu apparecimento, indispensavel. Todas as grandes nações possuem obras do genero: e devemos ser gratos á edictora Formiggini, porque soube realizar tambem nesse campo obra excellente que, pela riqueza e precisão dos dados e pelo bom gosto da edição, não correrá nunca o risco de ser superada pelas publicações similiares estrangeiras.

**ATLANTE GEOGRAPHICO UNIVERSALE**. Milano, Sperling e Kupfer, 1936. L. 125.

Bellissima publicação, composta de cem quadros e mais de 200 mappas de geographia physica, politica e economica, que descrevem de modo o mais conciso e com absoluta precisão as grandes vias de communicacão, flor e fauna de todas as partes do mundo, climas, correntes maritimas, demographia e metereologia, riquezas agricolas e mineraes, etc.

Os quadros foram gravados no estabelecimento De Agostini de Novara, o que garante, mas do que qualquer apreciação, a boa qualidade da obra.

O novo *Atlante* se vende tambem a prestações, na importancia total de L. 140.

**LEONE G. B. NIGRIS**. *Carbone bianco*. Udine, Libreria editrice. Aquileia. L. 16.

Este volume mostrá o papel fundamental que a Italia teve no progresso electro-technico mundial nestes ultimos annos. Carvão branco é justamente a expressão com que se indica a energia hydro-electrica, a maior fonte de riqueza para os paizes que, como a Italia, não possuem o carvão fossil.

O volume é claro, interessante, e faz entender-se que beneficio tenha sido para a sciencia e para a industria electrica na Italia o impulso illuminado do regime fascista, que em poucos annos soube collocar o paiz na vanguarda da producção hydro-electrica.

LUIGI CHIDINI: *Risate*. Milano, Hoepli, 1935. L. 8.

Brilhante livro de aneddotas, especialmente de caça (o livro tem por subtítulo: *Cani, Spari, Padelle*). Fala-se também de frigideiras, porque o autor teve a feliz idéia de inserir, entre aneddotas aneddotas, também um numero de receitas para cozinhar bem os passaros.

MARIA LEIBL: *Grafologia psicologica*. Milano, Hoepli, 1936. L. 12.

O primeiro trabalho serio e verdadeiramente scientifico que se publica na Italia sobre esse ramo de estudos, o qual na Italia não foi nunca levado verdadeiramente a serio.

A senhora Leibl estuda a graphologia espeeciamente em relação com as phases do desenvolvimento do homem, por conseguinte das suas doenças. Numerosos autographos (entre os quaes os de Verdi, Pirandello e D'Annunzio) demonstram a exactidão das deduições da autora.

L'AFRICA ORIENTALE. Bologna, Zanichelli, 1936. L. 30.

Obra completa, devida á iniciativa da Sociedade Geographica Italiana. Os quattros illustres geographos que a redigiram (Dainelli, Almagia, Meoni e Zoli) dão plena garantia de sua perfeição. O panorama do imperio italiano se apresenta completo perante os nossos olhos.

G. BARBACCI: *Il nuoto giapponese*. Milano, Corticelli, 1936. L. 10.

O autor, que foi presidente da federação italiana de natação, descreve nesse seu volume as varias formas e phases do nado japonéz, aproveitando-se das suas pessôaes experiencias e observações.

---

MARIO ALESSANDRINI: Director responsavel

---

IMPRESA OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES

[20]

# INSTITUTO MEDIO ITALO-BRASILEIRO "DANTE ALIGHIERI"

FUNDADO EM 1911

O Instituto, situado num dos pontos mais saudáveis e mais bellos da cidade de S. Paulo, nos arredores da Avenida Paulista, em edificio proprio, construido de accordo com todos os requisitos da hygiene escolar, conta 22 annos de existencia e comprehende os seguintes cursos:

- 1) INSTRUÇÃO ELEMENTAR.
- 2) CURSO SECUNDARIO, segundo os programmas do Collegio Pedro II do Rio de Janeiro e fiscalizado pelo Governo Federal, valido legalmente para todos os effeitos.
- 3) INSTITUTO TECHNICO INFERIOR e LYCEU SCIENTIFICO, segundo os programmas em vigor no estrangeiro para as escolas italianas.
- 4) CURSO PROPEDEUTICO e de PERITO-CONTADOR, segundo os programmas brasileiros e fiscalizado pelo Governo Federal, como o curso secundario.
- 5) INSTITUTO TECHNICO SUPERIOR, segundo os programmas adoptados nos institutos Technicos Superiores italianos no exterior.

S. P A U L O

Alameda Jahú, 84 — (Av. Paullsta)

# L'ITALIA LETTERARIA

*Grande settimanale illustrato di lettere,  
arti e scienze*

*M. Bontempelli - P. M. Bardi*  
DIRETTORI

Abbonamento annuo L. 40

R O M A

V I A F R A T T I N A

# S A P E R E

*Rivista Quindicinale Illustrata di  
Divulgazione Scientifica*

Toda a actualidade, todas as curiosidades da  
sciencia, da technica,  
da natureza e da cultura geral

ASSIGNATURA ANNUAL L. 60

Hoepli Editore — Milano

[47]



PALAZZO GALLENGA-SEDE DELLA R. UNIVERSITÀ ITALIANA PER STRANIERI

REGIA UNIVERSITÀ ITALIANA  
PER STRANIERI  
PERUGIA

CORSI DI ALTA CULTURA  
E DI LINGUA, LETTERATURA STORIA  
E ARTE D'ITALIA

ANNO ACCADEMICO 1936 (XIV E F)

1° APRILE - 30 GIUGNO

1° LUGLIO - 30 SETTEMBRE

1° OTTOBRE - 23 DICEMBRE